

~~[Scribbled text]~~

~~[Scribbled text]~~

CF
A
—
1
—
29

Faint background text: ...ADO ...ENS ...ROS, ...TTOS ... DE BARRERA ... IS B O A ...



Comunide

22

TRATADO
DAS SIGNIFICAC, OENS
D A S
P L A N T A S,
FLORES, E FRUTTOS,

*QUE SE REFEREM NA SAGRADA ESCRITTURA,
TIRADAS DE DIVINAS, E HUMANAS
letras, com suas breves considerações,*

P E L O P A D R E,

FR. ISIDORO DE BARREYRA,

Religioso da Sagrada Ordem de Christo. 25.X.971



Sala	CF
Est.	4A
Tab.	1
N.º	29



L I S B O A. 25555 of.

Na Officina de MANOEL LOPES FERREYRA,
& à sua custa.

M. D C. X C. V I I I.

Com todas as licenças necessarias.

da Communidade

TRATADO
DAS SIGNIFICACOES
DAS

PLANTAS
FLORES E FRUTOS

QUE SE REFEREM NA ESCOLA DE MEDICINA
DE ALFONSO DE AVILA

PELO DR. PEDRO

FR. ISIDORO DE BARRERA

Religioso da Sagrada Ordem de Christo



LISBOA

Na Officina de MANOEL JOES FERREIRA
e a sua casa

M. D. C. C. C. L. I. I. I.
Com todos os direitos reservados



PROLOGO.



Experiencia das cousas foi a que descobrio a natureza dellas, & dos effeitos que vio, appropriou a muitas os significados que tem. Os das plâtas daqui tiverão sua origem, ainda que os mais delles não foraõ taõ descubertos por industria humana, como sabedoria divina: porque quando esta em diversos lugares da sagrada Escrittura fala de plantas, & flores, mais quer que por ellas se entendaõ as significações que tem, que as palavras que soaõ. Donde quando Deos dizia ao povo Judai- *Jer. 9.* co, q̄ lhe havia de dar a comer Absynthio, herua muito amargosa, mais queria significar as amarguras, que a esse povo por suas ingratições havia de dar, que o Absynthio, ou Lofna, q̄ lhe houvesse de fazer comer. Recolherse a Pomba à Arca de Noè com ramo de Oliveira no bico, & não de Cedro, ou Platano, final he, que no ramo de Oliveira quiz o Ceo significar o que no Cedro, ou Platano taõ propriamente não significava. Comparar David o Justo à Palma, & não ao Alemo, ou Loureiro, final he, que descobrio na Palma propriedades que para seu intento não achou no Alemo, nem no Loureiro. Dizer o Divino Esposo, que he Lirio dos valles, & não Cravo, Rosa, ou outra flor, que a terra cria, bem se deixa ver, que para se comparar ao Lirio achou nelle virtudes, & excellencias, que a outras flores não deu. Apontar o Evangelista S. Lucas, que a arvore em que Zaqueo subio para ver a Christo, era Sicomoro, mostra sem duvida, que algũa significação tem *Luc. 19.*

Mat. 21.
Mirc.
11.

o Sicomoro, ou Figueira douda, que outra arvore não tem. E o amaldiçoar o mesmo Christo a Figueira, que achou sem fructo, indício he que considerou nella algũa malignidade, q̃ a outras arvores não convêm. Pelo que as significações, que as plantas tem, do Ceo as tem, & não dos homens. O que deve ser causa, para que curiosos de alcançar segredos occultos, vejaõ os que de presente declaramos, pois muitas vezes lhes succede falar em alguns significados de plantas, sem saberem o principio, & fundamento delles. Da natureza das plantas escreveo Salamaõ, Jolas Bithino, Asclepiades, Heraclides, Dodoneo, Cratevas, Plinio, Theofrasto, Dioscorides, Matheolo Apuleio, Clusio, Dalemchampo; mas das significações que essas plantas tem, nenhum Author escreveo, que viesse à nossa noticia, tirando Pierio Valeriano, que tratou de algũas no seu livro de geroglyficos; mas como sua profissão foi tratar das figuras Egypcias, (como põem por titulo das suas obras) & conforme isso a cada planta dà tantos, & tão differentes significados, que não sabem os leytores qual escolhaõ por mais conveniente, neste livro não ha isto de ser assim, fenaõ que a cada planta havemos de dar hũa propria significação, & essa não tirada de figuras Egypcias, mas da Escritura sagrada, conforme a exposição dos Santos Padres, & Doutores Theologos; & quando estes faltarem na confirmação de alguns significados, entaõ de necessidade havemos de recorrer a letras humanas, & verosimeis razões. Quem com attenção vir as presentes, acharà que não custou pouco descobrir as muitas que neste tratado se apontaõ, pela difficuldade que ha de alcançar segredos que estas cousas encerraõ. Materia muito digna de se saber, para que das considerações que nella fazemos, se aproveitem os Fieis de Deos, & tirem doutrina espiritual para luz do entendimento, & salvação de suas almas.

TABOADA

DAS PLANTAS, FLORES, E FRUTTOS,
 que na Primeira, & Segunda Parte deste livro
 se contêm, com seus proprios significados,
 & considerações.



<i>Arvore</i>	<i>significa Vida humana.</i>	fol. 1
<i>Flores</i>	<i>significa Esperanças.</i>	16
<i>Fruttos</i>	<i>Obras.</i>	25
<i>Ramos</i>	<i>Desejos.</i>	29
<i>Folhas</i>	<i>Palavras.</i>	35
<i>Raizes</i>	<i>Cuidados.</i>	42
<i>Raiz</i>	<i>Segredo.</i>	50
<i>Balsamo</i>	<i>Misericordia.</i>	53
<i>Palma</i>	<i>Vittoria.</i>	64
<i>Frutto da Palma</i>	<i>Doctrina.</i>	70
<i>Cinnamomo</i>	<i>Zelo.</i>	75
<i>Cedro</i>	<i>Excellencia.</i>	80
<i>Nardo</i>	<i>Devoção.</i>	84
<i>Oliveira</i>	<i>Paz.</i>	91
<i>Myrrha</i>	<i>Mortificação.</i>	100
<i>Platano</i>	<i>Alteza.</i>	107
<i>Calamo Aromatico</i>	<i>Confissão.</i>	112
<i>Cypreste</i>	<i>Incorrupção.</i>	119
<i>Sandalo</i>	<i>Tribulações.</i>	124
<i>Romã</i>	<i>Conformidade.</i>	131
<i>Flor de Romã</i>	<i>Perfeição.</i>	138
<i>Casca de Romã</i>	<i>Modestia, Pejo.</i>	142
<i>Vinho de Romã</i>	<i>Lagrymas.</i>	149
<i>Incenso</i>	<i>Oração.</i>	155
<i>Videira</i>	<i>Alegria.</i>	165
<i>Videira, &c.</i>	<i>Alegria perturbada.</i>	171
<i>Flor de vinha</i>	<i>Bons intentos.</i>	172
<i>Folhas de vinha</i>	<i>Esperanças perdidas.</i>	179
<i>Macieira</i>	<i>Amor.</i>	183
<i>Amendoeira</i>	<i>Esperanças seguras.</i>	192
<i>Flor de Amendoeira.</i>	<i>Velhice do homem.</i>	196

Figueira,

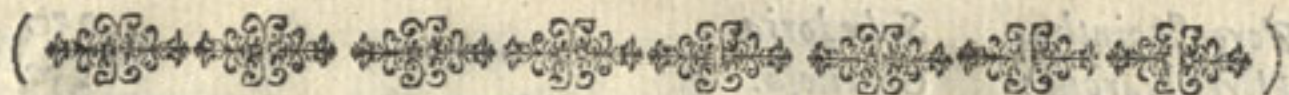
<i>Figueira</i>	<i>Doçura.</i>	202
<i>Figos lampãos</i>	<i>Bens anticipados.</i>	207
<i>Figos verdes</i>	<i>Frutos sem proveito.</i>	209
<i>Folhas de figueira</i>	<i>Penitencia.</i>	212
<i>Figueira brava</i>	<i>Temperança.</i>	218
<i>Figueira douda</i>	<i>Vaidades.</i>	222
<i>Terebintho</i>	<i>Augmento.</i>	223
<i>Murta</i>	<i>Dor.</i>	226
<i>Pinheiro</i>	<i>Morte.</i>	232
<i>Alemo</i>	<i>Mudança.</i>	240
<i>Salgueiro</i>	<i>Herança.</i>	245
<i>Abeto</i>	<i>Contemplaçõ.</i>	249
<i>Buxo</i>	<i>Innocencia.</i>	254
<i>Amoreira</i>	<i>Prudencia.</i>	258
<i>Olmo</i>	<i>Amparo, Favor.</i>	264
<i>Nogueira</i>	<i>Virtude.</i>	265
<i>Giesta</i>	<i>Lembrança.</i>	272
<i>Zimbro</i>	<i>Peccado.</i>	276
<i>Raiz de Zimbro</i>	<i>Avareza.</i>	282
<i>Pereira</i>	<i>Ira, Indignação.</i>	287
<i>Zambugeiro</i>	<i>Humildade.</i>	292
<i>Enzinheiro</i>	<i>Tristesa.</i>	296
<i>Casia, ou Canella</i>	<i>Nobresa.</i>	300
<i>Cypro, ou Alcanfor</i>	<i>Caridade.</i>	306
<i>Carvalho</i>	<i>Fortalesa.</i>	308
<i>Junco do Egypto</i>	<i>Abstinencia.</i>	314
<i>Espinheiro</i>	<i>Delicias.</i>	317
<i>Aroeira</i>	<i>Serviço.</i>	319
<i>Limaõ</i>	<i>Vontade.</i>	320
<i>Pessegueiro</i>	<i>Guerra.</i>	324
<i>Castanheiro</i>	<i>Restauração.</i>	328
<i>Teixo</i>	<i>Danno.</i>	329
<i>Loureiro</i>	<i>Triunfo.</i>	330

SEGUNDA PARTE.

R <i>Osa</i>	<i>Graça.</i>	332
<i>Rosa com espinhos.</i>	<i>Gostos da vida.</i>	337
<i>Lirio</i>	<i>Puresa.</i>	339
<i>Lirio cessen</i>	<i>Saudades.</i>	343
<i>Lirio de cor do Ceo.</i>	<i>Eloquencia.</i>	348

Flores

Flores Jacinthas	Sabedoria.	350
Flores Narcissas	Gentileza.	353
Violas	Conhecimento.	356
Hera	Ambição.	361
Espigas	Fartura.	365
Graão de Mostarda	Fé.	367
Madre sylva	Entendimento.	371
Cornucopia	Liberalidade.	378
Canna	Inconstancia.	382
Aboboreira	Esperanças vãs.	386
Hervas	Brevidade.	391
Feno	Gloria do mundo.	394
Arruda	Castidade.	397
Ortelã	Cruesca.	401
Endro	Preguiça.	405
Cominhos	Pragas, Maldições.	409
Coentro	Esquecimento.	411
Junco	Fingimento, hypocrisia.	417
Açafrão	Paciencia.	421
Losna	Remordimento da alma, amarguras.	429
Aypo	Pranto.	435
Hysopo	Limpeza.	439
Mandragora	Boa fama.	442
Linho	Santidade, justificação.	446
Favas	Demandas.	450
Espinhos	Riquezas.	455
Abrolhos	Trabalhos.	460
Sylva	Prisão.	468
Ortigas	Murmurações.	472
Cardo.	Tormento.	481
Grãos	Conservação.	482
Milho	Multidão.	484
Joyo	Inveja.	487
Feto	Segurança.	490
Feto, & Canna	Odio capital.	492
Alecrim	Ciumes.	497
Jasmim	Perigo.	500
Dormideira	Justiça.	502
Legação	Verdade.	505
Mangerona	Prazer.	509



L I C E N Ç A S.

P Ode-se tornar a imprimir o livro, de que esta petição faz menção, & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa 7. de Settembro de 1688.

*Jeronymo Soares. João da Costa Pimenta.
Bento de Beja de Noronha. Pedro de Attaide de Castro.
Fr. Vicente de Santo Thomàs. Estevão de Britto Foyos.
João de Azevedo.*

P Ode-se tornar a imprimir o livro, de que a petição faz menção, & depois tornará para se conferir, & dar licença para correr, & sem ella não correrá. Lisboa 15. de Outubro de 1688.

Serraõ.

T Orne-se a imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará à Mesa para se taxar, & sem isso não correrá. Lisboa 20. de Outubro de 1688.

Mello P. Lamprea. Marchaõ. Azevedo. Ribeyro.

V Isto estar conforme com seu original, póde correr. Lisboa 31. de Janeiro de 1698.

Castro. Foyos. D.V. J.C. Fr.G.

P Ode correr. Lisboa 15. de Fevereiro de 1698.

Fr.P.

T Axão este livro em quatro centos & sincoenta reis. Lisboa 20. de Fevereiro de 1698.

Roxas. Marchaõ. Ribeyro. Oliveira.



PRIMEIRA PARTE

Arvore.

Vida humana.

Consideração primeira.



ARVORE he figura do homem, & proprio significado seu: porque nella diz Santo Ambrosio, que ha viver, & morrer: crescer, & descrecer, como no homem. Nella diz Plinio que ha mocidade, & velhice: doenças geraes, & particulares, como no homem. Della diz Columella, que padece fome, & sede, como o homem, & que tanto lhe faz mal a sobejidaõ do alimento, como a falta delle. Desta diz Santo Augustinho, que vive em quanto reverdece, & morre quando secca, & murcha. Plutarco por encarecimento diz, que as arvores tem fraqueza, & mostraõ que sentem dores, quando lhes quebraõ, ou cortaõ os ramos. O Sol as secca, frios as queimaõ, nevoas lhes fazem mal, quenturas as abrazaõ, agoas as apodrecem, ventos as combatem, tempestades as destroem, & emfim muitas cousas lhes saõ adversas, & outras favoraveis, como succede aos homens. Também se diz das arvores, que a poz admiraveis concebimentos de cada anno, tem fecundos partos, com os quaes apparecem, quando descobrem flores, & entaõ tem cuidado de

Ambr.

Plinius.

Colum.

August.

Plutarc

Plinius.

A

crear

Theoph. crear os filhos, que dão os fruttos maduros, & sazonados. As arvores são amigas entre si, & folgaõ hũas com a companhia das outras. Theofraſto diz, que aſſi como o exterior do homem mostra os poucos, ou muitos annos que tem, aſſi as arvores nas apparencias mostraõ ſua idade.

Gregor. Por eſtas, & muitas raões tem as arvores muita ſympathia, & ſemelhança com os homens: & metaforicamente ſão elles ſignificados nellas. Aſſi diz S. Gregorio, que o homem em ſua creação he arvore, que cresce, & na tentação folha, que ſe move, & na fraqueza flor que cahe. He o homem arvore, & por iſſo em Grego ſe chama Antropos, que quer dizer arvore que tem as raizes para ſima, & os ramos para baixo. Eſta arvore agora ſe planta na terra para depois ſer transplantada no Ceo: agora he poſta no Paraizo da Igreja, & regada com a fonte de ſuas agoas mananciaes, que he o Sangue de Chriſto, para que quando ſouber ſer planta de vontade racional, comprindo a Ley de Deos, ſerã como arvore plantada junto às correntes das agoas, para dar fructo a ſeu tempo. Eſte não dão as arvores, que não participao das influencias do Ceo, & nem os homens pòdem dar fructo de virtudes, ſe primeiro não participaõ da graça divina, porque eſta he a que rega noſſas almas, para que floreaõ, & dem fructo ceſtial.

Pſal. I.

Conſideração ſegunda.

August. **S**anto Auguſtinho diz, que não he o Inverno o que cõ ſuas chuvas faz experiencia nas arvores, mas o Eſtio cõ a falta dellas; & que os homens não ſe experimentaõ nas riqueſas ſignificadas nas agoas, mas na falta dellas, que ſão os tempos de neceſſidades, & apertos, como plantas a que no Veraõ faltaõ as agoas, que no Inverno lhes ſobejaõ. Diz o meſmo Santo, que quando chegarmos ao pé de hũa arvore freſca, olhemos para as folhas, que tem verdes, & viçoſas, &

& para as que no chaõ cahiraõ seccas, & murchas; & entaõ consideremos, que as do chaõ pódem dizer às de cima, que algũa hora foraõ verdes, viçosas, & alegres, como ellas de presente o saõ, que já floreceraõ, & reverdeceraõ, como ellas: mas que passou sua verdura, & o tempo as poz depressa naquelle estado, em que ellas cedo se haõ de ver, caindo no chaõ, como ellas cahiraõ. Assim os mortos, que come a terra fria, pódem com rafaõ dizer aos que florecem no melhor da idade, que se lembrem que saõ folhas verdes, que depressa haõ de murchar, & cair no chaõ, vendo-se da mesma sorte, que elles nas sepulturas se vem, que depressa haõ de deixar de florecer, quando deixarem de viver: pois saõ folhas, & flores, cuja verdura depressa passa.

Somos arvores, diz o mesmo Santo em outro lugar. As arvores crescem, & sobem para cima: façamos o mesmo: & para subir muito, abaixemonos primeiro muito: porque as arvores primeiro descem, que cresçaõ para cima; primeiro lançaõ raizes no centro da terra, para se levantarem ao Ceo; sem humildade não fazem ellas fundamento, & nós sem ella o queremos fazer, para subirmos ao Ceo; sem raizes pretendemos levantarnos sobre as nuvens. Não he isto crescer, mas descrescer; não he subir, mas descer. Quando como arvores quisermos crescer, seja como diz o Apostolo S. Paulo: *In charitate radicati, & fundati*; lançando raizes, & fazendo fundamento na caridade, de que procede a verdadeira humildade, & todas as mais virtudes, para que possamos crescer a todo o enchimento de graça. A grandes cousas pretendemos chegar, começemos pelas pequenas, & alcançaremos as mayores. Subirà a muito quem se abai-xar a muito: que para a arvore subir ao alto, busca primeiro o mais baixo da terra.

August.

Ephes. 3.

Consideração terceira.

Marc. 8.

Perguntou o Salvador do mundo a hum cego, a quem milagrosamente pouco, & pouco foi dando vista; se via algũa cousa, & respondeo o cego, que algum tanto começava a ver, & que os homens lhe parecião como arvores que hão andando: *Video homines velut arbores ambulantes.* E disse muito bem; porque os homens são como arvores, que em tudo se parecem com ellas, tirando em o

August.

andar: *Nobis vivere cum arboribus commune est.* Diz Santo Augustinho, o nosso viver he commum com as arvores, quasi que temos as mesmas condições, & natureza, que ellas tem. As arvores hãs são frescas, & agradaveis de forte, que deseão todos chegar-se à sua sombra, outras são tão asperas, & espinhosas, que todos fogem dellas. Ha homens tão brádos, & suaves em seu trato, & conversação, que convidão chegarem-se todos a elles; outros ha tão duros, & intrataveis, que todos fogem delles. Ha arvores, que dão muy fermosos fruttos, & esses com muita facilidade, a quem se quer aproveitar delles, outras ha, que àlent de os não darem bons, para os arrancar ha mister muita força, & às vezes ferro. Chegais a hũa maceira, & lançais mão de hũa maçã; eis que a larga tão facilmente, que às vezes a poz hũ pommo deixa cair muitos. Chegais a algũa pessoa com necessidade, ver a facilidade com que vos dão a cousa, & a presteza com que lanção mão à bolsa para vos acodirem logo. São arvores boas, que dão bom frutto, & de boa vontade repartem os bens, que Deos lhes deu. Ver a dificuldade que ha em tirar hum ouriço do ramo do castanheiro, & a castanha do mesmo ouriço. Ver o trabalho que he alcançar algũa cousa de homens esquivos, & avarentos, que não dão a esmola senão como forçada, & violenta, depois que lhe representais mil misérias. Por isso dizia muito bem
o cego,

o cego, que lhe parecia os homens como arvores, hũa faceis em dar fructo, outras difficultosas em o largar de si.

Consideração quarta.

AS arvores nem todas são iguaes, nem da mesma natureza: hũa são differentes das outras. Os homẽs nem todos são de hũa sorte, nem das mesmas condições; huns são grandes, & poderosos, como arvores, que sobem às nuvens, outros tão pobres, & miseraveis, que já mais poderão levantar cabeça. Das arvores hũa dão fructo, & outras não. Os homens nem todos aproveitam no mundo, hũa ha, que com suas partes aproveitam a si, & aproveitam os outros; outros ha que de nenhum proveito são entre os homens, nem servem no mundo mais que de ocupar lugar: *Per omnia inutiles facti*, diz S. Paulo: para tudo inúteis, & decepados. Tal se julgava Aquilles, quando por agravos que tinha de Agamẽon, Emperador do exercito Grego, não querendo sair a pelear com os Troyanos, dizia: *Sedeo hic inutile pondus*. Aqui estou assentado hum homem sem proveito, que de nenhuma cousa sirvo, mais que de ocupar este assento. A estes que nada aproveitam, parece que está dizendo Isaias: *Audi terra, & plenitudo ejus*. Ouve homem terra, & enchimento de terra, que não serves mais que de ocupar lugar, & encher a terra com tua pessoa sem proveito.

Rom. 3.

Homer.

Isai. 34.

Nos lugares desertos ha arvores que dão fructo, & não tem possuidor proprio: o fructo comem no bestas feras, & aves do Ceo; outras estão em povoados, que dão fructo, & tem possuidores. Ha pessoas perdidas nos desertos de suas proprias almas, que tendo partes para aproveitar a muitos, não servem seus fructos mais que para gente perdida, & dissoluta, & para os corvos, & minhotos do inferno, que são os demonios. São arvores que só para o inferno dão fructo:

porém outras ha proveitosas aos homens, & ao mesmo Deos, que he seu possuidor, & folga de ter tão boas plantas no seu jardim, como são os Justos, arvores que aproveitando a si, & ao proximo, respondem com bom fructo a seu eterno possuidor.

Consideração quinta.

AS arvores em nascendo são direitas ao Ceo, se por algum defeito se não entortão, ou desvião a alguma parte: porém o seu natural he subir sempre para cima. O homem que Deos formou em corpo direito (como diz Santo Augustinho) com os olhos na mais eminente parte delle, he admoestado olhar sempre para o Ceo, & buscar as cousas que estão em cima, suspirar por ellas, & trabalhar por ellas: *Factus est homo in terra ad Cælum contemplandum.* Diz este Santo. Foi o homem feito na terra à imagem de Deos, conforme a ração do dominio, & não da forma, por natureza cousa pequena, & fragil, mas grande na virtude; imagem de Deos, não em o corpo, mas segundo o que interiormente he; foi feito para contemplar o Ceo, por cuja causa esse Ceo se fez, & não o homem por amor do Ceo: & por isso he elle mais excellente, & muito melhor, que o mesmo Ceo: *O quàm contemptares homo est, nisi supra humana se erexerit:* diz Seneca Filosofo. Que cousa tão desprezada he o homem, se se não levanta sobre as cousas humanas, pois foi creado, & constituído em hũa ditosa vida, para contemplar segredos celestiaes; cuja meditação deve ser sustentação sua, & argumento de sua immortalidade; q̄ assi o soube dizer singularmente o mesmo Filosofo Gentio: *Cùm homo divina contemplatur, alitur, & crescit, & hoc habet divinitatis suæ argumentum, quòd illum divina delectant.* Contemplando o homem cousas celestiaes, sustenta se, & cresce, & este argument) tem de ser obra divina, que

August.

Seneca.

Seneca.

que o deleitão coufas divinas. Fóra isto não tem o homem em si mais que ser materia baixa, & vil, inclinado ao vicio, propenso ao mal, facil de cair, difficultoso de se levantar. Fóra isto não fica sendo mais do que Aristoteles diz, o qual sendo perguntado que ccusa era o homem, respondeo: *Homo est imbecillitatis exemplum, temporis spoliū, fortunæ lusus, inconstantia imago, invidia, & calamitatis trutina, reliquum verò pituita, & bilis.* Que quer dizer. O homem he de buxo, & traslado da mesma fraquesa, despojo do tempo, escarneo da fortuna, imagem da inconstancia, balança aonde inveja, & calamidade ficão em peso igual: & fóra isto tudo, o mais que nelle ha he fleima, & colera.

Tambem Solon Salamino, hum dos sette Sabios de Grecia, deu singular diffinição ao homem, quando perguntado pelo que era, respondeo: *Homo putredo est in exortu, bulla in vita, esca vermium in interitu.* O homem no seu nascimento he podridão, no discurso da vida bolha, que a agoa levanta, & no seu fim manjar de bichos. Todas estas tres coufas vem a dizer que he terra vil. E não sem mysterio chamou Jeremias tres vezes ao homem terra: *Terra, terra, terra, audi sermonem Dei.* Terra pelo principio que teve, sendo formado della: terra, pelos espinhos, & abrolhos, que ao presente produz de si; & terra, porque por fim se ha de tornar em terra. Plutarco chamou ao homem hum mundo de miserias: *Mundus miseriarum.* Porque como todas as criaturas estão cifradas no homem, & cada hũa dellas he miseravel, & fugeita a miserias, vem o homem a ser hum mundo de miserias: & daqui se consegue o que Homero diz, que das miseraveis creaturas q̄ o mundo tem, não he possivel haver algũa, que tanto o seja, como o homem. Santo Athanasio diz excellentemente, que o homem he rosto da terra. Os males do corpo logo vem ao rosto, & alli se vem mais claros que em outra parte: assi os

Aristot.

Solon.

Salam.

Jer. 22.

Plutarc.

Homer.

Athanas.

Ovid.

males, & miserias da terra ao homem se vem, que he rosto da terra, & por isso nelle se vem mais claros, & manifestos, que em outra coufa. Bem considerou estas condigões do homem o Filosofo Sileno, que sendo cattivo em justa guerra, perguntandolhe Midas seu senhor, que coufa na vida havia melhor para o homem, depois de se mostrar pensativo, respondeo: *Optimum esse nunquam nasci, proximũ quã citissimè aboleri.* Fora muy boa coufa ao homem nunca nascer, & pois nasceo, melhor lhe fora morrer muy depressa. Por esta resposta foi Sileno posto em sua liberdade; & forão estas palavras preço de seu resgate, porque dellas se contentou mais Midas, que do muito ouro, que pelo cattivo lhe podião dar.

Consideração sexta.

Chrysof.

A Ssim como ha boas, & mãs plantas, ha bons, & maos homens; mas se nas plantas ha bom, & mao, nem por isso devem ser reprovadas as coufas mãs, que juntamente forão creadas com as boas, como diz S. Chrysofotomo; porque dizendo Deos que todas as coufas que tinha creado, erão muyto boas, ninguem se atreva a reprehender o que Deos creou, & louvou. As arvores, ainda que muitas são infructuosas, não deixão de dar algum proveito, que outras não dão, & emfim não as creou Deos de balde, como nem as feras, nem outros animaes: porque huns nos servem de alimento, outros de serviço quotidiano, outros para mefihnas, & remedios da vida, & outros para cautela, & providencia della. Permite Deos que haja bons, & maos homens, para que os maos se emendem com a conversação dos bons, ou os bons com os maos tenham exercicio de merecimento santo, pelo que diz Santo Augustinho, que ninguem cuide que de balde ha gente mã no mundo, como plantas mãs entre as boas, que todas servem de algũa coufa.

August.

O Baptista dizia que estava o machado posto ao pé da arvore para o cortar: *Securis ad radicem arboris posita est.* Aonde S. Jeronymo quer que pela arvore se entenda o homem, & pelo machado a palavra de Deos, que então corta, & decepa ao homem, quando o aparta do mundo, & lhe persuade que se negue a si mesmo: *Abneget semetipsū.* Luc. 9. Acs peccadores chama claramente o Apostolo S. Judas na sua Epistola Canonica arvores do Outono sem raizes, duas vezes mortas, infructuosas, & sem proveito: arvores do Outono, que quando as outras tem dado fructo a seu tempo, ellas tem ainda o seu por dar, & tão tarde o dão, que já se não aproveitão d'elle, porque nem tem sabor, nem acabou de amadurecer, para nada presta. Homens ha, que não querendo acodir com fructo no Verão de sua idade, no Outono da morte o querem dar fóra de tempo, & quando já não ha lugar, nem espaço de penitencia. Arvores do Outono diz Santo Thomàs: *Quia fructus ad rectam maturitatem non perducunt.* Porque não chegão a dar fructos maduros, & sazonados. Arvores duas vezes mortas: *Bis mortuæ.* Porque duas vezes são mortas: *In ramis bonorum operum, in radice bonæ voluntatis.* Mortas nos ramos das boas obras, & na raiz da boa vontade; porque vivem perdidamente: duas vezes mortas (como diz Lyrano) porque o erão antes do Baptismo, & depois d'elle ainda o são por peccados que commettem. Sem raizes, porque não tem caridade, que he raiz de todo o bem. Sem raizes, porque (como diz São Thomàs) peccadores que tem feito callos nos vicios, costumados a obrar mal, não tem forças, nem vigor para obrar bem, & escaçamente lhes fica esperança de dar algum fructo.

Matth. 3.
Luc. 3.
Hieron.

Luc. 9.
Indas.

D. Tho.

D. Tho.

Lyrano.

D. Tho.

Hũa das principaes razões, porque a arvore he figura do homem, consiste em ser muito combatida de ventos, & tēpestades, que a movem a hũa, & outra parte. Sempre a vida do homem padece tribulações. Ninguem deixa de as
ter:

ter: os pequenos as passãõ de continuo, & os grandes não escapão dellas; que as mais altas arvores são combatidas cõ mayor furia de ventos, & mais depressã quebrão com a força delles, que as humildes plantas. Com tudo, quando aquellas estão firmes, & bem arreigadas, nenhun vento as arranca, antes os combates de cada dia as fazem mais firmes, & seguras. Os justos, & os que tem feito raizes no cẽtro das virtudes, nenhũas tribulações os abalão, nem ventos os movem, nem males os enfraquecem, antes os fazẽ mais fortes, & preparão para mayores rigores: como succedeo ao Santo Job, a quem males, & amarguras da vida não derribãrão, antes o fortalecẽrão para mostrar mayor confiança, & firmeza de coração.

Consideração settima.

Seneca.

D Iz Seneca Filosofo, que muitas arvores por descuido de quem tem cuidado dellas, nascem tortas, & crescem com defeitos: o que não fora, se no principio lhes acodirão. Os filhos são plantas que Deos commette aos pays, para que tenham cuidado dellas, & cresção sem defeito, & desordem da vida; mas como diz S. Chrysoftomo:

Chrysoft.

Filiorum nunc est minor, quàm possessionum cura. Menos cuidado tem agora os pays dos filhos, que da fazenda. Para as suas quintas buscão os homens boas plantas, bons enxertos, & quem tenha bom cuidado dellas. Sõ para a criação dos filhos se descuidão, não lhes emendando defeitos, com que de pequenos se inclinão aos vicios, nem buscando Mestres, a que commettão o ensino, & doutrina de tão boas plantas, donde vem perderemse muitos, & crescerem com grandes dissoluções da vida. Dizia Crates, que se lhe fora licito, todos os dias se pusera a gritar da mais alta torre da Cidade, dizendo: *Quò ruitis cives?* Para onde caminhais moradores da Cidade? Tanto fervor, & sollicitão

Crates.

para

para

para negocios da vida, & nenhum cuidado para a reformação de vossos filhos? Não ides bem. Trattay primeiro dos filhos que em casa deixais, que das riquezas que por fóra buscais. Bom he ter riquezas que gozeis, mas muito melhor he ter bons filhos, a quem as deixeis.

Importa muito ter summa vigilancia com estas novas plantas, que são os filhos, doutrinando-os de pequenos bê, & cômettendo-os a quem delles tenha bom cuidado. Nascendo Alexandre Magno, escreveu seu pay Philippe hũa carta a Aristoteles, em que dava graças aos deoses, não tanto por lhe nascer hum filho tão desejado, como por lhe nascer em tempo do mesmo Aristoteles, que havia de ser seu Mestre; porque só a elle se podia commetter tal planta, que era famoso por suas letras, & virtudes. Assi foi, que por ordem deste insigne Filosofo se creceu o menino, & sendo de mayor idade, se entregou delle, para o doutrinar: & quando pelo tempo adiante não podia assistir nas guerras junto a Alexandre por causa de indisposição, mandava em seu lugar a Callisthenes discipulo seu, que o acompanhasse.

*Francis.
Senēsis.*

Consideração oitava.

NA sagrada Escriitura he commum entenderse homēs por arvores: as quaes quando em alguns lugares della diz Deos que ha de cortar, ou lançar no fogo, são ameaças, que por figuras faz aos peccadores. Assi quando no Apocalypse se diz, que a terceira parte das arvores se queimou, entende Ruperto, & outros Doutores Theologos, pelas arvores aos homens, cuja terceira parte se condena. A Nabucodonosor declarou Daniel, q̄ elle mesmo era aquella grande arvore, que em sonhos tinha visto, cujos ramos se estendião por toda a terra, a qual Deos mandou cortar, que era o mesmo, que querelo Deos castigar, & privar do Reyno por suas maldades. Tinha esta arvore aos pés muitos animaes,

*Apoc. 8.
Rupert.
Anc.
Bed.
Richar.
Dan. 4.*

4. Reg.
23.

animaes, & diversidade de bestas feras; & a ella são comparados os grandes, & poderosos, a cuja sombra se ampara gente perdida, & dissoluta, como ociosos, ladrões, murmuradores, blasfemos, & adulteros. Estas arvores manda Deos que as cortem depressa, porque não quer que por muito tempo sejam occasião de peccados. O mandar Josias Rey de Israel cortar bosques, & arvores do junto de Jerusaleem, foi em ração, que debaixo delles idolatravão os Israelitas, & commettião enormes peccados: que sente Deos muito aquelles que se commettem à sombra de Prelados, & pessoas eminentes, comparados às arvores dos bosques, & por isso os manda cortar, & tirar do mundo.

Athan.

Diz Santo Athanasio, que o passar Christo nosso bem, hũa, & outra vez à vista da figueira, & ter sempre que entender com ella, olhando-a se tinha folhas, se fructo, & por fim amaldiçoalla, era, que já de proposito trazia Deos os olhos na figueira, depois que servio de amparo aos primeiros peccadores, que no mundo houve, que forão Adão, & Eva. Tanto aborrece Deos cousas que servem de amparar offensas commettidas contra sua Divina Magestade. Quer que os homens sejam arvores espirituaes, que dem bõ fructo, a cuja sombra descancem pobres, & afflictos, & sejam remediados em suas necessidades. Boa arvore era o Apostolo S. Pedro, a cuja sombra saravão enfermos, que se chegavão a elle, tendo por grande ventura: *Ut saltem umbra illius obumbraret quemquam illorum.* Que pelo menos qualquer delles participasse de tão boa sombra, para ter saude. Arvore soberanissima era o Salvador do mundo, a cuja sombra concorria infinita multidão de gente, huns para participar de sua doutrina, outros para ser fãos de suas enfermidades: *Ut sanaretur à lãguoribus suis.* A esta arvore do Paraíso se chegou o Bom Ladrão, quando a vio com fructo da vida, & teve vida, & achou Paraíso: *Hodie mecum eris in Paradiso.*

Matth.

21.

Marc.

11.

Act. 5.

Luc. 6.

Luc. 23.

Se Nabucodonosor figurado na arvore, que atras temos dito, de todo não foi tirado da terra (pois ainda ficou com vida, & tornou a ser restituído a seu Reyno) foi porque com ser Rey soberbissimo, não fazia cõ tudo notaveis desordens em materia de dar a cada hum o que era seu. Aquella arvore de Daniel em seus ramos agasalhava aves do Ceo, *Dan. 4.* & ao pé tinha animaes da terra. Perverso era este Rey, porém as aves do Ceo (porque se entendem os sabios, & prudentes Varões) punha elle em lugar alto, & em seus proprios ramos, que era trasellos nas palmas das mãos: ao pé tinha os animaes, porque se entendem os nescios, & ignorantes. os quaes ainda que os amparava, davalhes o seu lugar na terra vil; mas os que erão Aguias no entendimento, punha em lugar eminente: o que hoje fazem pelo contrario os que são arvores grandes nas Prelasias, & Dignidades, que põem em lugar alto aos nescios, & ignorantes, gente vil, & baixa, destes fazem caso, & os trasem sobre as cabeças. As aves do Ceo, que são os prudentes, & avisados, põem em lugar inferior, & debaixo dos pés, perseguidos, & desprezados, sendo elles merecedores de lugar eminentissimo. Diz o Ecclesiastes, que vio hum grande mal debaixo do Sol, causado quasi por erro do Principe: *Positum stultum in dignitate sublimi, & divitem sedere seorsum.* Vio ao nescio posto em sublime dignidade, & ao rico de bens da alma, & dões da natureza estar assentado abaixo delle: *Vidi servos in equis, & Principes ambulantes super terram.* Vi os homens de pé postos acavallo, & os Principes andar a pé. Mundo às avessas, desordem grande, confusão notavel, que aquelles que por boas partes, & seus talentos erão dignos de Imperios, & Dignidades, andem aniquilados, & tidos em pouco, & os que por seu pouco saber, & baixa geração, são indignos de todas as honras, sejaõ collocados nellas, cõ tanta desigualdade, como he andar o senhor a pé, & o seu negro a cavallo. Esta desordem attribue Salamaõ quasi a erro

Eccl. 10.

Eccl. 10.
Lyran.

erro do Principe, & dos que governaõ: *Malum quasi per errorem egrediens à facie Principis.* Aonde erro quer dizer ignorancia, & imprudencia.

Consideração noua.

Isai. 1.

POr aquelles que sendo cabeças, fazem estas injustiças, diz Deos por Isaias, falando com o seu povo Judaico: *Principes tui infideles, socij furum.* Povo meu, estes que te governaõ, & tem nome de Principes, & sapatras do mundo, são infieis que não tem alma, nem consciencia, nem fé; são ladrões, que vão forros a partir com ladrões: porque se nas Republicas os ha, elles furtaõ com elles; se os criados roubaõ, os senhores os consentem; se vendem a justiça, elles daõ ordem para isso; & se se tomaõ peitas, para elles se tomaõ: *Socij furum.* Tem parcialidade com ladrões. São arvores a cuja sombra se commettem delictos, & offensas de

Dan. 4.

Deos, & a estas manda Deos cortar, & tirar da terra: *Succidite arborem.* Hũa das poderosas razões porque Deos castiga a muitos severamente, & a outros apressa a morte antes de tempo, he que sendo arvores, que com o fructo, & com a sombra haviaõ de aproveitar a huns, & amparar a outros, pelo contrario o fazem. Ninguem ha que não tenha deter-

Job 14.

minado seus dias na vontade Divina: *Constituisti terminos ejus, qui præteriri non possunt,* diz Job: Ordenastes, Senhor, termos certos à vida do homem, os quaes se não podem passar. Mas muitas vezes parece que os annos se lisaõ, & os dias se diminuem, & a morte se apressa, por particulares juizos de Deos, & o principal he, por desordens, & injustiças, que os homens commettem, sendo outros arvores que não daõ fructo, outros que só servem de occupar lugar. Lugar occupa (como diz S. Gregorio) o avarento, que podendo ser bom a muitos com os bens que lhe sobejaõ, inutilmente os retem consigo. Lugar occupa o que tendo

S. Greg.

par-

partes para aproveitar a outros com suas letras, & entendimento, o não quer fazer, & vive só para si. Lugar occupa o que se pudera exercitar em boas obras, por preguiça as deixa de fazer: tal arvore como esta, diz Christo por S. Lucas: *Succidite eam, ut quid enim terram occupat?* Corte-se esta arvore, porque não dando fructo, não tem para que occupar terra. Assim succedeo àquelle rico avarento, que de repente Deos mandou tirar do mundo, como arvore infrutuosa, não por se vestir de purpura, nem por comer preciosos manjares, nem por se tratar com mimo, & regalo, mas porque usou infrutuosamente das cousas da vida como proprias: *Quia infructuosus proprijs usus perhibetur.* Gregor.

E que fora de nós, se todas as vezes que Deos nos manda pôr o machado ao pé, não rogassem por nós os Anjos, & os Santos advogados nossos, com aquellas palavras dos que guardão a vinha do Senhor: *Domine dimitte illam & hoc anno.* Permitti Senhor, que ainda este anno se não corte, & decepe esta arvore. Vejamos se com viver mais, tem algũa emenda, & responde com bons fructos. As arvores para alli se inclinão, aonde tem melhorar, & mais humor da terra. Somos arvores, que Deos plantou no campo desta vida, inclinemonos para aquella parte, donde nos vem o ser que temos, o que somos, & o que esperamos ser com a graça de Deos. Subamos com os pensamentos, & obras ao Ceo, como ellas com seus ramos, & fructos lóbem a elle. Respondamos a Deos com o que de nós espera, porque como diz S. Chrystomo: não sois arvores plantadas por Deos, se não respondeis a Deos com o fructo que de vós espera. Chryf.

Flores.

Esperanças.

Consideração primeira.

AS flores em commum significão esperanças: porque assi como das flores se esperaõ fruttos, que ellas promettem, assi das esperanças bens, porque ellas a guardaõ; & dizemos bens, porque sempre esperanças se tem a respeito de bens, & não de males. Os bens esperaõ-se, & os males temem-se, estes com receyos, & aquelles com ansias. Não se diz que das cousas aduersas se tem esperanças, como das prosperas que haõ de vir: ainda que nunca venhaõ, como se esperaõ: porque de ordinario as esperanças promettem muito, & daõ pouco, ou nada, como de ordinario as flores promettem abundancia de fruttos, com que depois faltaõ. Quando vemos a Primavera cuberta de flores, dizemos q se veste Abril de esperanças, com que pela mayor parte falta no melhor do Veraõ. Muitas promessas faz o tempo, que ao diante não cumpre: & em tudo o mais assi he. Largas esperanças, fins nunca alcançados: grandes promessas, escasos comprimentos: vindo muitas vezes mais depressa o q se não espera, que aquillo que se espera, como disse o Filosofo: *Insperata sæpius accidunt, quàm quæ speres.* Nem nesta vida se andaõ mais compridas jornadas das que vaõ do prometter ao cumprir, & do esperar ao possuir: pondo-se de por meyo grandes desertos de inconvenientes, & mões de impossibilidades: & chegando muitas vezes a morte, antes que chegue o bem que se espera: & faltando primeiro a vida, que se possua o que tarde se alcança. Esta he a razão, porque a esperança se acompanha de dous irmãos, que saõ o sofrimento, & trabalho: porque ahi não ha esperar, sem

Aristot.

sem muito sofrer. O Apostolo S. Paulo diz que por sofrimento se espera: *Per patientiam expectamus*. Assim he, que perdida a paciencia, a ninguem fica lugar de esperar. He o trabalho o segundo irmao da esperanca. Donde dizia Socrates, que nunca a boa esperanca sem o trabalho podia alcançar cousa que fosse de honra, ou proveito: *Nunquam spes bona absque labore quidquam utile peperit*. Porẽm por grande que seja o trabalho, bem o sofre a esperanca cõ a lembrança do premio, que lhe fica em lugar de consolação, como disse o outro: *Ex spe præmij solatium fit laboris*. Antes a firme esperanca diminue muito o vigor do trabalho, como disse Estobeo: *Spes præmij labor em minuit*. Pela mesma razão leuão esperanças sempre receyos, & temores à vista, & mudaõ as cõres conforme os successos. Anna que depois foi mãy de Samuel, em quanto vivia de esperanças de ter filhos, era triste, & desconsolada, depois q̃ da parte do Ceo esteve certa que os havia de ter: *Vultus illius non sunt in diversa mutati*. Nunca mais se lhe mudaraõ, nem variaraõ as cõres do rosto, jã o naõ mostrava triste, nem pallido, nem amarello.

Saõ pois as esperanças significadas nas flores, a poz as quaes he proprio seguirem-se fruttos, como se vio na vara de Araõ, da qual diz a divina Escrittura, que estando secca lançou de repente botões, que descobriã flores, a poz das quaes apparecẽraõ fruttos, que foraõ suavissimas amendoadas: *Turgentibus gemmis eruperant flores*. As flores agradaõ, & deleitaõ, & assim deleitaõ, & agradaõ as esperanças. Perguntaraõ a Bias, que cousa havia que mais agradasse aos homens, & respondeo que a esperanca. As flores tem cõr alegre, cheiro suave, sabor jocundo, & brandura deleitosa com que recreaõ os sentidos; & as esperanças com o que mostraõ, elevaõ; com o que representaõ, agradaõ; & com o que promettem, alentaõ, confortaõ, & daõ vida. Santo Augustinho diz: *Spes vires ministrant*. As esperanças

Rem. 8.

Socrat.

Publ.

Mi.

Stob.

1. Reg. 1.

Num. 17.

Plutarco.

Brusis.

August.

Tibul.
Amb.

Cicer.
August.

Terent.

Plutar.

daõ forças, & alento: *Credula vitam spes fovet*. Diz Tibullo. Esperanças firmes conservaõ a vida: & se faõ proximas daõ a mesma vida, como disse Santo Ambrosio: *Dat vitam spes proxima*. Esperanças nas mayores tribulações faõ as que alentaõ a alma, & a ellas he muito necessario recorrer na mayor afflicção: *Sola spes hominem in miserijs consolari solet*, diz Cicero. Ancoras firmes chama Santo Augustinho às esperanças, que nas mayores tempestades asseguraõ a nao. Por isso dizia o Comico, que as esperanças eraõ de tanto valõr, que não tinhaõ preço, nem se compravaõ por dinheiro, como as demais cousas: *Spem pretio non emo*. Com prata, & ouro posso comprar quanto quizer, esperanças com nenhum preço as compro. Pelo menos quem tem esperanças finge quanto quer. Donde diz Plutarco, que esperanças imaginaõ quanto querem, fazendo das cousas grandes pequenas, & das pequenas nada: o que se entende acerca do desprezar perigos, parecendo-lhe os grandes pequenos, & os pequenos nenhũa cousa à vista do que espera.

Consideração segunda.

Lucan.
Senec.

POr isso a mocidade he significada nas flores, porque esta idade promette a todos bens, & bons successos ao diante, pela pouca experiencia que tem das cousas da vida: & ainda que se engana no comprimento dellas, sustenta-se com tudo no esperar por ellas. Assim faõ chamados flores aquelles que na mocidade daõ esperanças de grandes progressos, como Lucano chama a hum mancebo: *Flos Hesperie*. E Seneca a outro: *Flos Græciæ*, que quer dizer, esperança de Hespanha, esperança de Grecia: & como em tal guerra dizemos, que se perdeu a flor do Reyno, que eraõ aquelles em que o Reyno tinha postas suas esperanças.

Pelo contrario não pôde a velhice ser significada na flor, como a idade juvenil, nem dizerse que os velhos se sustentaõ

sustentaõ de esperanças, como os mancebos; mas que se acompanhaõ de temor, & desconfiança. Donde vem serem os velhos timidos, & desconfiados; porque como nelles cessou o vigor, & brio dos primeiros annos, começaõ nelles a crescer os temores, os receyos, & desconfianças, com outros mais defeitos que aquella idade tem: *Nihil habet quod speret, quem senectus ducit ad mortem*, diz Seneca Filosofo, nenhũa cousa tem que esperar quem a velhice vai levando à morte: olhe para ella, & não para o que lhe fica atrás: da vida não espere mais que hũa boa hora em que se despeça della. ¶ Porque flores significaõ esperanças, diz Estobeo, que aquelles que antiguamente hiaõ pedir algũa

Stobeus.

cousa a outrem, levavaõ nas cabeças cappellas de flores em sinal das esperanças que tinhaõ de alcançar o que pretediaõ. A Pastora do Ceo no dialogo dos Divinos Amores não sabia falar senão em flores, como quem só vivia do significado dellas. Por isso convidava ao soberano Esposo, que sahisse com ella ao campo: *Egrediamur in agrum*, a ver se appareciaõ nelle flores, & se essas flores produziaõ fruttos: *Si flores parturiunt fructus*: que taõ natural he seguirem-se estes a poz ellas, como obras a poz esperanças. Do mesmo modo o seu morar não era, senão em hortas, & jardins, por gozar das flores figura de suas esperanças: *Quæ habitas in hortis*. Sobre o qual diz S. Gregorio: *In hortis unaquæque anima habitat, quæ viriditate spei, & bonorum operum est repleta*. Em hortas, & jardins mora toda a alma, q̄ está cheia de verdura de esperanças, & boas obras. A mesma Pastora em outro lugar advertio as amigas, que quando a vissem desmayada, lhe acodissem com flores: *Fulcite me floribus*. Porque quem tanto como ella vivia de esperanças do Ceo, só flores a podiaõ alentar, porque só estas são alimento do amor, em quanto não he de mayor idade: são esperanças cordeaes, que se daõ a este enfermo. ¶ Mandou hum Anjo a Esdras que sahisse a hum câpo cheyo de flores

Cant. 7.

Cant. 8.
Gregor.

4. Efd. 9.

ininitas: *Ibis in campum florum*: & por espaço de sette dias não comesse feno deffas flores do campo: *Manducabis solummodo de floribus*. No q̄ lhe deu a entender, que o mandar lhe comer flores era sustentallo de esperanças dos bens q̄ se lhe haviaõ de seguir, como foraõ soberanas revelações, q̄ do Ceo teve: pelo q̄ de novo tornou a comer outros sette dias flores, & a sustentarse de novas esperanças de as tornar a ter.

Consideração terceira.

Isidor.

Prov. 3.

August.

Psal. 70.

ESperanças comparaõ-se a flores, porque duraõ taõ pouco como as flores, & padecem tantos inconvenientes como ellas. Santo Isidoro diz que o nome de flor vem desta palavra, *Fluo*, que em Latim quer dizer correr a agoa para baixo. Assim saõ as esperanças de cousas do mundo, q̄ correm depressa, & desapparecem, como agoas q̄ vaõ para o mar. ¶ Ainda q̄ as esperanças prolongadas affligem a alma, com tudo prolongadas devem ser as do Christaõ, & sua vida hũa perpetua esperança: *Si non usque in finem speraveris, deletur totum, quod speraveras*, diz Santo Augustinho. Se a vossa vida não depender de esperanças até a morte, perdereis quanto de principio esperastes, q̄ he hũa triste perda: como do navegante, que carregado de riquezas se vem a perder no porto: & como do lavrador, q̄ estando para cegar o pão, se lhe queimou a seara: & como do q̄ edificou a casa, que estando para morar nella, lhe cahio no chão: & como a criança, q̄ depois de trabalhoso parto, nasceo morta. Por isto dizia David: *Cum defecerit virtus mea, ne derelinquas me*. Senhor, atégora espero, & não defalleço, não me desampareis vòs, quando o alento me faltar no artigo da morte. Pouco aproveita ao soldado pelear, se no fim da batalha não fica com vittoria. Pouco aproveita ao caminhante fazer grandes jornadas, se por fim não chega aonde esperava. Pouco aproveita

ao enfermo melhorar, se por fim não alcança saúde. Pouco aproveita dar a arvore flores, se não chega a dar fructo. E pouco aproveitão esperanças de toda a vida, se por fim faltão na morte.

Quando esperanças prolongadas parecerem insofriveis, lembremnos, que hum bem eterno sempre fica barato, dando-se por esperanças dilatadas. He ignorancia querer que valha pouco, o que val muito. Diz Santo Augustinho que se o bem perduravel se houvesse de comprar por preço conveniente, por trabalho eterno se havia de comprar: & dà-o Deos por esperanças de quatro dias. E se nellas dizeis que padeceis muito, porque esperança que se dilata, afflige a alma, como diz o Espirito Santo: *Spes quae differtur, affligit animam*: com tudo não tem esta afflicção comparação com os bens, que por fim se hão de possuir. Confidéra S. Gregorio Nisseno o que passa hum avarento, & o que padece pela esperança de fazer thesouro. Pois considerai vós o que vay de thesouro a thesouro, de trabalho a trabalho, & de esperança a esperança. A experiencia nos ensina, que as cousas que se fazem depressa, depressa se acabão. Hũa flor depressa nasce, & depressa murcha. A Palma cresce devagar, & dura muito tempo. Zuxis com pintar hũa imagem em largo tempo, dizia que pintava devagar, porque a sua pintura era para eternidade: *Aeternitati pingo*. E enganava-se, porque nenhũa imagem sua ficou para sempre. O Christão com seu trabalho, & larga esperança, pinta para eternidades, imagem da gloria, em que espera ver-se. Chama o Poeta Latino à esperança: *Cana fides*, como que a esperança està chea de cãs: & assi he, que esperança, que não he antigua, & de largo tempo, não he segura: porque toda a sua finesa consiste em perseverar, & não afroxar até o fim, aonde qualquer froxidão he perigosa para o bem que se espera.

E porque a esperança do justo he tão firme, que eterna-

August.

Prov.
13.

Gregor.
Niss.

Seneca.

Virgil.

Bern.

Sap. 4.

mente a tivera, se eternamente vivera, recebe Deos esta esperança por eterna, porque o desejo igualmente fora eterno: & por isso lhe dà Deos galardão de eterna vida. Donde S. Bernardo chama à esperança do Justo fome eterna: *Aeterna justis esuriet aeternam meretur saturitatem*. Por isso pouco tempo que o Christão espere, merece grande galardão, porque o seu intento era esperar tempo eterno, se Deos o permittira eterno: *Consummatus in brevi explevit tempora multa*. Morre hum moço na flor da idade, mas porque os intentos que tinha de perseverar no serviço de Deos, erão de toda a vida, & de mil vidas que tivera, ainda que a morte lhe atalhou os dias da vida mortal, não lhe tirou o premio da vida immortal: acabou em breve, mas encheo largos tempos, porque esses erão seus desejos.

Consideração quarta.

Ier. 17.

Senec.

Mich. 7.

Gen. 40.

Chrysof.

Esperanças só em Deos se hão de pôr, & não em os homens: *Maledictus homo, qui confidit in homine*: diz Jeremias. Maldito he o homem, que põem sua esperança no homem, sabendo que para o homem não ha cousa mais falsa, que o mesmo homem, nem mayor inimigo, que esse homem. Seneca diz: *Homo homini demon*. Hum homem para outro homem he o mesmo demonio. E quando quiser confiar d'elle, porque o tem por amigo: *Nolite credere amico*, diz Miqueas. Não ha que confiar no amigo, nem no parente, porque em tudo ha engano. Diz Chrysofotomo que Joseph posto no carcere, desejando sair d'elle, punha suas esperanças nos homens, como o significou ao copeiro de Faraò, a quem pedio, que vendo-se restituído à sua dignidade, se lembrasse d'elle, & por isso se achou enganado: *Ut disceret in hominibus non esse fidendum, sed spem omnem in Deum dirigendam*. Para que aprendesse, que não havia que confiar em homens, mas que esperanças só em Deos se hão de pôr,

Aquella

Aquella maldição dos que confião nos homens, incorrem ricos, & poderosos, que confião em suas riquezas, & aquelles que devendo pôr suas esperanças em Deos, as põem no mundo. Aos ricos diz S. Paulo, que não tem que esperar na incertesa de seus haveres: *Nec sperare in incerto divitiarum suarum.* Aos outros admoesta Deos em figura dos Israelitas, que quando se vião opprimidos dos Assyrios, pedião socorro ao Egypto: *Sperantes in auxilio, & fortitudine Pharaonis, & habentes fiduciam in umbra Egypti.* Põem suas esperanças no socorro de Faraõ, & não em Deos. Assim são os homens do mundo, que não sabem recorrer a Deos, senão ao mundo: neste põem suas esperanças, & não no socorro de Deos. Aquelles eraõ prudentes, que em suas necessidades recorrião a Jesus, como o fez a Magdalena, que tirando as esperanças do mundo, as poz em Christo, lançando-se a seus pés: & como fez a Cananea, que lhe foi pedir remedio para sua filha: & como faziaõ aquelles: *Qui venerant ut audirent eum, & sanarentur à languoribus suis.*

Hier. 17.

1. Tim. 6.

Isai. 30.

Luc. 7.

Matt. 15.

Luc. 6.

Consideração quinta.

O Salvador do mundo se compara à flor, porque como diz Santo Augustinho, & Ruperto Abbade, chama-se flor do campo: *Flos campi.* Porque he unica, & verdadeira esperança do mundo. S. Bernardo, & Cassiodoro dizem, que he flor do campo; porque como esta nasce sem industria de cultivador, assim nasceo Christo da Virgem Senhora Nossa sem obra de varaõ, flor cujo cheiro se espalhou por toda a terra. Santo Ambrosio diz que se chama flor do campo, porque em sua Payxaõ foi pizado, ferido, & maltratado, como a flor do campo o he dos que passaõ por cima della. Flor do campo, & não do jardim, porque a do jardim he só do que a cultiva; & a que nasce no campo he

August.

Rupert.

Cant. 2.

Bernar.

Cassiod.

Amb.

de quantos a querem gozar. Christo he flor do campo, que para bem de todos veyo do Ceo à terra, para todos nasceo no Presépio de Belém, para todos se poz na Cruz, para todos está nos Ceos, & para todos se poz no Divinissimo Sacramento da Eucaristia. He flor em que consiste toda a graça, & esperança da vida. Desta nos havemos de sustentar: estando certos (como diz o Apostolo S. Paulo) que se Deos nos deu a seu Filho Unigenito, esperança do mundo, com elle nos ha de dar tudo o mais que tem para nos dar: *Quomodo non cum ipso omnia nobis donavit?* E Santo Thomàs diz, que tudo Deos nos deu com dar a seu soberano Filho. Deu-nos as tres Divinas Pessoas, para as gozarmos, os Espiritos Angelicos para os acompanharmos, & as cousas inferiores para usarmos dellas. Deste modo se cūpreo que diz S. Paulo: *Omnia vestra sunt, vos autem Christi.* Alegrai-vos Fieis, que todas as cousas são vossas, & vòs de Christo. Santo Ambrosio diz, que todos os premios promettidos darà Deos ao Christaõ, quando lhe chegou a dar a seu Filho dador de todo o premio: *Omnia præmia repromissa credentibus dabit, qui dedit Filium totius præmij largitorem.* E Theofilato diz: *Qui dedit nobis Dominum, dabit & facultates ejus.* Quem nos a nõs deu taõ rico, & poderoso Senhor, tambem nos darà suas riquezas, & farà participante de seu Reyno celestial. Nestas esperanças vivamos, & nestas perseveremos até a morte, aonde achemos a immortal vida, porque ellas esperaõ, de que diz o Espirito Santo: *Spes illorum immortalitate plena est.* A esperança dos Justos he cheia de immortalidade.

Rom. 8.
D. Th.

1. Cor. 3.
Amb.

Theoph.

Sap. 3.

(?)

Fruttos.

Fruttos.

Obras.

Consideração primeira.

PElos fruttos que as plantas dão, se entendem na sagrada Escriitura as obras, que cada hum faz: porque se pela arvore se entende o homem, pelos fruttos della se devem entender suas obras. Assi o affirmão os Doutores sagrados. Por isso disse Christo nosso bem, que pelo frutto se conhece a arvore, & que a boa planta dà bom frutto, & a maligna os dava malignos. Assi como a boa arvore dà bõ frutto, assim o bom homem da bondade de seu coração produz boas obras: & o perverso da malicia interior produz obras perversas; porque cada hum faz as obras exteriores conforme a qualidade do coração. O Apostolo S. Paulo exhorta os Colossenses, que vão avante nos bons propositos, fruttificando em toda a boa obra, & crescendo na sciencia de Deos: *In omni opere bono fructificantes.* David falando com Deos, diz que a terra serà farta do frutto de suas obras. E da mulher santa se diz nos Proverbios, que plantou hũa vinha no frutto de suas mãos: que quer dizer, que soube grangear, & adquirir celestial fazenda, das obras que fez em sua vida. Com este frutto devemos todos responder a Deos, o qual (como diz Santo Augustinho) he o amor de Deos, & do proximo, porque sem elle ninguem póde obrar bem, & o frutto deste amor he chegar a ver a Deos, como diz S. Bernardo. Por isso se diz no livro da Sabedoria, que he glorioso o frutto de nossos trabalhos, pois por boas obras chegamos a alcançar o glorioso fim que esperamos. Diz S. Chrysostomo que os fruttos da boa arvore nunca se perdem, porque não quer Deos que se per-

*Hieron.**Chrysof.**August.**Matth. 7**Luc. 6.**Coloss. 1.**Ps. 103.**Prov. 13**August.**Bernar.**Sap. 3.**Chrysof.*

cão

cão os fruttos de nossos trabalhos : poucos que sejam os
 aceita por grandes, pequenos que pareçam faz pelos ac-
Luc. 21. crescer. Por pouco nos promette gloria : & occasiões
Mat. 10. ha, em que a dà por dous ceitiz, & por hum pucaro de agoa,
Marc. 9. por hũas lagrymas, & por hum gemido.

Consideração segunda.

NEsta comparação dos fruttos com as obras ha esta
 differença, que as arvores dão fructo em certos tem-
 pos, mas o homem em todos o ha de dar, porque havendo
 instantes que falte com o fructo a Deos, he merecedor de
 castigo. Esta he a razão, porque amaldiçoou Christo a fi-
 gueira, que achou sem fructo, sendo assi, que não tinha obri-
 gação de os ter, como aponta S. Marcos, dizendo q̄ não
 era tempo de figos, quando o Salvador do mundo passou
 por esta figueira: *Non erat tempus ficorum.* Pois se o não
 era, que culpa tinha para ficar amaldiçoada, pergunta Ori-
 genes? Que obrigação tinha de dar figos fora de tempo?
 Mas não nos admiremos diz este Autor, porque como nes-
 ta planta se representava o homem: ao homem quer Deos
 achar sempre com fructo de boas obras, não se dando mo-
 mento, em que esteja sem ellas. He verdade que as arvores
 nem sempre o tem, & se o dão no Verão, não o dão no In-
 verno, cessão a tempos: porém o homem he arvore, que
 sempre ha de estar com fructo, porque no instante que fal-
 tar com elle, pôde ficar reprovado, & com a maldição de
 fogo eterno: que para isto lhe não faltão tantos, & tão grã-
 des favores do Ceo, nem a graça do Espirito Santo, nem o
 soccorro dos divinos Sacramentos, nem as continuas voca-
 ções, & inspirações de Deos, o qual aos homens està dizê-
 do, que são deoses pelas riquezas, & grandezas, que possuem,
 das quaes se não aproveitão muitos, porque não querem.
 Mandava Deos na Ley Velha, que junto ao Templo não
 houvesse

Marc.

11.

Origen.

Ps. 81.

houvesse bosques, & arvoredos: *Non plantabis lucum, & arborem juxta altare Dei.* A razão he, porque como os bosques conltaõ sempre de arvores frescas, como freixos, alemos, platanos, & outras semelhantes, estas costumão ser infructuosas, & por ellas entende Santo Isidoro os homẽs, que não dão fructo celestial, como Gentios, & peccadores, arvores que só à vista parecem bem, & no demais são sem proveito. Taes arvores como estas não quer Deos apar de si, porque junto a elle não pôdem ficar peccadores, nem almas infructuosas. Singularmente pondẽra Santo Ambrosio o cobrirse Adão de folhas de figueira depois que peccou, vendo que estava nu, & cuidando que com folhas podia encobrir seu peccado: sendo assi, que para encobrir peccados, devia antes cobrirse de fruttos, que de folhas. Mas isto tem o peccadõr, que para se cobrir busca folhas, & o Justo para se adornar escolhe fruttos: *Justus fructus eligit, peccator folia.* Porque assi como o vestido cobre o corpo, as boas obras cobrem a alma, como diz S. Gregorio. Pois bemaventurado he aquelle que vigia, & guarda seus vestidos, porque não ande nu: *Beatus qui vigilat, & custodit vestimenta sua, ne nudus ambulet.* Santa cousa he cobrirse a alma de boas obras, que he o fructo com que deve responder a Deos. Bemaventurado he aquelle que o sabe dar a seu tempo, como diz David: *Fructum suum dabit in tempore suo,* palavras que tem mysterio: porque como diz S. Bernardo, muitos respondem com fructo, que não he seu, como os hypocritas, que com Simão Cyreneo levão Cruz às costas, mas Cruz que não he sua; & assi nem o fructo he seu, porque carecem de boa tenção. Pois bemaventurado he o que dà seu fructo, & não o alheyo. Tambem outros dão fructo, o qual ainda que seja seu, não he dado a seu tempo: como são aquelles que antes de tempo querem ser tidos por santos, & fazer milagres. Outros o dão fora de todo tempo: & são aquelles que sendo toda a vida arvores

Deut.
16.

Isidor.

Ambr.

Isidor.

Gregor.

Apoc. 16

Psal. 1.

Bernar.

infru-

Matth.
25.

infructuosas, na hora da morte querem sair com fructo, que vivendo nunca deraõ, & entaõ o daõ forçados do temor da morte: que he hũa sorte de gente figurada nas Virgens loucas, que fora de tempo quizerãõ prover as alampadas, & apparecer com boas obras, & ficaraõ reprovadas. Muitos peccadores com o medo da morte, que tem à vista, sahem com fructo de boas obras, mandando fazer esmolas, & repartir riquezas que tinhaõ juntas: & ainda que isto he bom, muito receaõ os Santos que sejaõ estes fructos fora de tempo, & que já naõ aproveitem. A hum Santo Bispo revelou hum Anjo, que mais montava hum real dado por esmola em vida, que montes de prata repartidos a pobres depois da morte: & que mais aproveitava hũa Missa, que se ouve em vida, que se depois da morte mandassemos por amor de nòs hũa pessoa descalça, & de joelhos à Terra Santa. O acertado he fazer fructos em quanto he de dia, & naõ vem a noite da morte. Cada hum tem tempo seu, & horas suas para fazer penitencia, que he o fructo que o Baptista mandava fazer digno de penitencia.

Luc. 3.

Consideração terceira.

Raban.

R Abano diz que ha quatro especies de arvores: hũas totalmente seccas, como os infieis: outras verdes, mas sem fructo, como os hypocritas: outras que daõ fructo, mas fructo peçonhento, como os hereges. As ultimas saõ as que daõ bom fructo em tempo opportuno. E estas ultimas diz S. Gregorio que lança o inimigo a perder de tres modos. O primeiro, quando faz que se mude a boa tençaõ em perversa, & que saya maculado o que em seu principio era limpo, & puro. A outros deixa ir bem no principio, & no meyo do caminho os assalta, como ladraõ, roubando a boa tençaõ. A outros deixa ir no principio, & no meyo dissimula com elles; mas no fim os lança a perder,

Psal. I.

Gregor.

der, & quanto mais finge que está longe delles, tanto com mais astucia dà de repente sobre elles, & prega a lança. Respondamos pois a Deos com o que de nós espera: porque (como diz S. Chrystomo) não sois arvore plantada por Deos, se não respondeis a Deos com o fructo devido. Porque querendo o Celestial Rey da Gloria dar ao mundo hũ defengano do espirito, que cada hum tem, ordenou que o fructo de qualquer planta seja o final de sua bondade, & suas obras titulo do que nelle ha. As arvores diferentes em especie, muitas vezes parecem semelhantes na fórma: porque a folha dellas he quasi a mesma, a flor não se differença nada, & muito menos a cõr, a verdura, & feição dos ramos: só no fructo ha dissimelhança: que hũas o dão de hum modo, & outras de outro. As videiras não pódem dar peras, nem a moreira maçãs, nem a oliveira nozes. Cada hũa responde com seu particular fructo. O esmalte desta Filosofia em cada hum de nós se estampa. Arvores somos plantadas por mão do Altissimo no campo deste mundo: pouca differença temos huns dos outros nas apparencias, & condições, mas não a temos nos fructos, que cada hum dà: porém todos o demos de sorte, que (como diz o Apostolo S. Paulo): *Repletifructujustitiæ*, cheyos de fructo da justiça caminhemos para a terra da verdade: *Inspefructuspercipiendi*, com a esperança de recebermos o fructo que nossas obras merecem.

Chryf.

Philip. 1.

Cor. 9.

Ramos.

Desejos.

Consideração primeira.

Considera o glorioso S. Bernardo, que pelos ramos se devem entender nossos desejos. Somos arvores plantadas

Bernar.

tadas no campo deste mundo, as flores são nossas esperanças, os fructos nossas obras, os ramos nossos desejos: *Rami nostri desideria nostra sunt*. A arvore para onde pende, senão para onde seus ramos a inclinão mais? Nós outros para onde pendemos, senão para onde nossos desejos nos levã o apoz si? A arvore quando a cortão, para onde cahe, senão para onde o peso dos ramos a faz cair? Nossos ramos são nossos desejos: cada hũ de nós ha de cair para onde a copia dos ramos he mayor: *Unde maior est copia ramorum, inde casuram ne dubites*. Não tenhais duvida, q̄ sendo arvore, como fois, haveis de cair senão para onde os ramos carregão, & vossos desejos vos inclinão mais. He notavel engano dos que cuidão, que gastando a vida em satisfação de seus desejos, na morte hão de ter aborrecimento do que em vida amãrão, & que então bastará inclinaremse a desejos do Ceo: sendo assi, que a arvore quando se corta, cahe para onde o peso he mayor. Acaba o homem conforme vive, & quando este de tempo antigo he arvore carregada de vicios, estragado o gosto, tem fastio a toda a mézinha, que o póde remediar. E muitos quando mais cheyos de merces de Deos, dão em desejar cousas com que mais o offendem. Os filhos de Israel tão mimosos, & favorecidos de Deos no deserto, derão em desejar carne: *Petierunt, & venit coturnix*. Fartou-os Deos, dandolhe innumeraveis codornizes, & foi esta fartura a muitos delles occasião de sua morte. *Pf. 104*. Cahirão como arvoredos que Deos mandou cortar, & cahirão para a parte onde os inclinãvã seus ramos, que erã seus desejos, & por isso se lhe pos por epitafio de sepultura: **SEPULCHRA CONCUPISCENTIÆ**, que vem a dizer: Aqui jazem sepultados appetites cõ seus servos. Assi he, que de ordinario se sepultã appetites cõ os que em vida os amã, & servem como a senhores. Esta he a ração porque S. Paulo nos admoesta, que saibamos refrear appetites, & não nos deixemos levar de perversos desejos, como os Israelitas

Num. 11

Ps. 104

Num. 11

Israelitas

Israelitas no deserto; porque o seu castigo foi figura do que nos póde acontecer, & acontece a muitos, que morrem cõ os appetites na bocca: *Hæc autem in figura facta sunt, ut non sitis concupiscentes malorum, sicut illi concupierunt.* I. Cor. 2.

Consideração segunda.

A Os desejos chama Santo Augustinho grilhões da alma, pois a prende de forte, que se não sabe livrar delles, senão quando os exercita: se entãõ não fica mais presa. E se os desejos são de cousas prohibidas, he o appetite mais forte, & violento, & o fructo mais agradavel, como diz o mesmo Santo: o qual dando diffinição ao desejo, diz que he: *Concupiscentia eorum, quæ absunt.* O desejo he appetite das cousas que temos ausentes, & de qualquer modo nos faltaõ. Diz mais que o desejo dilatado se converte em pena que atormenta a alma. E S. Gregorio accrescenta, que se os desejos com a dilacão não crescem, ou se com ella enfraquecem, sinal he que não foraõ desejos, porque ao se rem, cõ a tardança houveraõ de ser mayores, & mais intensos. ¶ O desejo do coração humano diz S. Bernardo, que he insaciavel por muitos modos: porque se appeteece bens do mundo, entra com elle a cobiça, que já mais se contenta com o que adquire. Se o desejo he de deleites da vida, entra a sensualidade, que não sabe pòr limite à sua intemperança. Se de comer, & regalar o corpo, entra a gula, vicio naturalmente insaciavel. Se de mandar, & ter imperio, entra a ambição, & soberba, que se não satisfazem com menos que titulos de deoses: *Eritis sicut Dii.* De sorte, que desejos do homem nunca se daõ por satisfeitos. Assi diz o mesmo Santo: *Stultum est ea semper appetere, quæ nec satient, nec temperent appetitum.* He grande locura, & summa deudice, desejar sempre aquellas cousas, que nem fartaõ, nem enchem o appetite. Daqui vem que o coração do homem anda de continuo

August.

Gregor.

Bernar.

Genes.

Bernar.

continuo

continuo vagueando por gostos da vida, & cançando-se cõ trabalho vão, não soccega com os que tem, porque por muitos que alcance, tudo he pouco para o que deseja alcançar; & assim não com menos ansia deseja o coração o que não tem, do que com temor possui o que tem: & he certo que com temor possui o que com trabalho alcança: & quando não tenha certeza de quando o pôde perder, está certo que em algum tempo o ha de perder. ¶ Os homens desejão as cousas, & correm a poz ellas, ou andão ao redor dellas, como dos peccadores diz David: *In circuitu impij ambulat*, buscando naturalmente aonde aquietem seu appetite, & não sabem lançar mão do remedio com que dem fim a esse appetite.

Ps. 11.

Cant. 3.

Osea 7.

Os perversos desejos bem considerados são pinaculos donde os homẽs se lançaõ abaixo, & vão cair no inferno. E os bons são escadas muy seguras por onde se sobe ao Ceo, figurados nos degraos do assento de Salamaõ: *Ascensus ejus purpureus*. Entaõ se sobe por elles quando os desejos são celestiaes, que levaõ a alma a Deos. São cubertos de cõr purpurea, porque custa muitas vezes gottas de sangue effectuar bons desejos pelas difficuldades que se offerecem, & os bons desejos cobrem-se de trabalhos, & tribulações, que se padecem na execuçaõ delles. Ou he a cõr purpurea, porque desejos santos acendem-se nas chammas do Divino Amor, & sobem a Deos, como o fogo a sua esfera. ¶ Tambem os desejos malignos tem suas chammas ardentissimas, que acendem, & inflammaõ a alma que os admite. Onde Oseas os chama fornalhas acesas: *Omnes calefacti sunt sicut clibanus, quia applicuerunt quasi clibanum cor suũ*. Os que daõ lugar a perversos pensamentos, ficaõ feitos como hũa fornalha, porque applicaõ seu coração, como fornalha, para admittir toda a lenha de malignos pensamentos com que se acende mais o fogo. São estes aquelles covis de Leões, & aquelles montes de Leopardos, donde
Deos

Deos chama à alma que se tire delles, & encaminhe para o Ceo, pedindolhe que venha, & se aparte: *De cubilibus leonum, de montibus pardorum*. Covis de leões, porq̃ nos perversos pensamentos se escondem, não só hum demonio, mas muitos juntos. E basta dizer S. Pedro: *Quia adversarius vester diabolus tanquam leorugiens circuit, querēs quem devoret*. O demonio nosso adversario sempre anda rodeando, buscando a quem trague. São montes de leopardos, porque quem em si recolhe malignos pensamentos, logo está cheyo de maculas diferentes, & varias nodoas de peccados, como leopardos de varias, & diferentes cores. E então nos corações humanos se escondem estes malignos pensamentos, como leões nas cavernas, & como leopardos nos montes.

Consideração terceira.

DEve se considerar, que a vida do Christão ha de ser hum puro desejo, & este desejo só de bens eternos. O vosso desejo (diz S. Augustinho) seja a vossa oração, & para que o desejo seja continuo, seja continua a oração. ¶ O desejo do Justo he de tres modos, como diz S. Bernardo. Deseja o Justo passar a vida em graça de Deos, que he o mesmo que morar na Casa de Deos todos os dias de sua vida, como David lhe pedia só isto por merce: *Ut inhabitem in domo Domini omnibus diebus vitæ meæ*. ¶ Deseja o Justo alcançar vittoria do mundo, & verse livre delle, como S. Paulo deu a entender naquellas palavras: *Quis me liberabit de corpore mortis hujus?* ¶ Deseja mais o Justo chegar a gozar da presença de Deos, conforme o dizia o mesmo Apostolo: *Cupio dissolvi, & esse cum Christo*. ¶ Mas os contemplativos, que penetrão mais a substancia dos bñs desejos, dizem que delles para com Deos ha quatro modos, dos quaes Isaias declara os dous primeiros naquellas palavras: *Anima mea desideravit te in nocte, sed &*

Cant. 4.

1. Pet. 5.

August.

Bernar.

Ps. 26.

Rom. 7.

Philip. 1.

Isai. 26.

C

spiritu



spiritu meo in praeordijs meis de mane vigilabo ad te.

Como se dissera: A minha alma Senhor, vos desejou nas trevas da noite, mas pouco aproveitara este meu desejo confuso, se com grande fervor de espirito no mais intimo de meu coração pela manhã vos não buscara. ¶ Ha hum desejo imperfeito na noite da ignorancia, quando por natural propensão se deseja aquelle ultimo fim, do qual escassamente se tem conhecimento; mas tanto que este se começou a conhecer, do mesmo modo que o entendimento se vai illustrando com a graça preveniente, vai com acto mais vehemente, sendo mayor o desejo, que ainda com imperfeição diz que vigia, & busca a Deos. ¶ Mas o terceiro desejo manifesta David quando diz: *Concupivit anima mea desiderare justificationes tuas in omni tempore.* Como se dissera: Senhor, tanto que vos conheci, ainda que com fé implicita, & quasi imperfeita, desejei-vos a vós Deos, & Senhor meu.

Psf. III.

Mas tambem entendo que além deste desejo, ha outro mais perfeito que me falta, como he o de perfeita justificação em todo tempo, para que justificado me assente à sombra donde se passa ao ultimo desejo de vos gozar. ¶ Deste ultimo

Cant. 2.

fala a Alma Santa, quando diz: *Sub umbra illius, quem desideraveram, sedi.* Chegueime ao mais perfeito desejo, que he suspirar por me ver com Deos, & gozar de sua presença: quieta estou à sombra delle, esperando que me amanheça tão ditoso, & alegre dia. Este desejo alcança quem de veras

2. Pet. I.

Psf. 101.

o pretende, porque Deos está prompto para cumprir desejos que se fundam bem: como David lho sabia agradecer:

Qui replet in bonis desiderium tuum. E nisto nos está incitando a que procuremos alfayar a alma de bons desejos, porque Deos os sabe cumprir com enchimento de graça:

Psal. 10.

tendo elle o que ouve o desejo dos pobres: porque esta he a voz sonora, que Deos não pôde deixar de ouvir: he hũa lingua muy expedita, que sabe falar, & propor muito bem suas cousas diante do Throno Divino. Pois ditoso aquelle que

naõ

naõ deseja mais que manifestar seus desejos a Deos, nẽ passar com elles de Deos, nem vestir-se, & adornar-se mais que de desejos dos Ceos: *Beatus vir qui implevit desiderium suum ex ipsis.* ¶ Estes saõ os desejos significados pelos ramos: no qual sentido parece dizer S. Paulo: *Si radix sancta, etiam rami sancti erunt.* Se a raiz he santa, tambem os ramos seraõ santos: como se dissera. Se o homem tem feito raiz da santidade, se he arvore fundada em virtude, os seus ramos, que saõ seus desejos, mostraraõ santidade, porque do coraçã limpo procedem os bõs propositos, & da alma santa os bons desejos: *Si radix sancta, etiã rami sancti erũt.*

Psal. 126.

Rom. IX.

Folhas.

Palavras.

Consideração primeira.

HE consideraçã de Santo Augustinho cõ outros mais Padres, que pelas folhas se entendem as palavras: & assim quando declaraõ aquelle verso do primeiro Psalmo de David, aonde Christo nosso bem he comparado à arvore, cujas folhas naõ cahem: *Et folium ejus non defluet:* dizem elles, que pela folha se entende a palavra, a qual sendo divina, naõ cahe, nem póde cair no chaõ, porque como diz Isaias: Toda a carne he feno, & a gentileza do homem como flor do feno, secca-se este, & cahe sua flor, mas a palavra do Senhor permanece para sempre: *Verbum autem Domini manet in æternum.* Como se dissera: Nenhũa coisa da vida tem firmesa, em tudo ha mudança, & variedade: no homem, na sua belleza, & disposiçã, nas suas promessas, & palavras: só a de Deos he firme, & permanente, naõ póde nella haver fallencia, he folha que naõ cahe: *Et folium ejus nõ defluet,* ou como tẽ outra letra: *Foliũ ejus nõ erit irritũ.*

August.

Psal. I.

Isai. 40.

Cij

Con:

Consideração segunda.

- Gregor.** Diz S. Gregorio que nenhũa cousa da vida passa mais depressa, que a palavra do homem, que he inconstante como elle o he. Mas a palavra de Deos he eterna, & permanece sem alteração do tempo. ¶ He a palavra de Deos poderosissima, porque faz luz, & cria Ceos, move montes, & faz tremer a terra. He efficacissima, & tem força maravilhosa. He livre, & isenta de todo o impedimento, & como diz S. Paulo, não se póde prender, nem atar. He hum rayo do Ceo, que não tem resistencia, & rompe as mais oppostas forças. Tem para com os homens raros effeitos, porque desfaz peccados, & não só os póde perdoar, mas restituir peccadores à perfeição Angelica. Inflamma os corações dos homens, & por isso David diz, que a amava muito, porque frio, & enregelado que estivesse, a palavra de Deos o abrazava: *Ignitum eloquium tuum.* A vossa palavra Senhor, he hum vivo fogo, thesouro a chamou Salomão, só digno de se desejar, & mais precioso que o ouro, & que todas as pedras preciosas. Os soldados muito se alegrão com repartir despojos: *Quando dividunt spolia,* para os filhos de Deos não ha mais alegres despojos, que a palavra de Deos. Alegrarmehey com vossas palavras diz David, como o q̄ achou muitos despojos: *Sicut qui invenit spolia multa.* As abelhas acodê às flores com cobiça do mel. Para os filhos de Deos não ha mel tão doce, como a sua palavra: *Super mel ori meo.* A hūs levão tras si os licores preciosos, a outros os comeres excellentes, a outros os cheiros suaves. Aos servos de Deos a palavra de Deos: *Quia meliora sūt ubera tua vino. fragrantia unguētis optimis.* ¶ Por ser a palavra de Deos thesouro tão rico, hase de procurar ouvir cõ tecaõ, & plátarfe no interior da alma, como dizia David q̄ o tinha feito: *In corde meo abscondi eloquia tua.* Ouvirse a
palavra

palavra de Deos cō gosto he final de predestinação, como he de condenação não folgar de a ouvir, & terẽ alguns perdido o gosto às cousas do Ceo. A estes conta a divina Escriitura no numero dos reprovados. O Espirito Santo diz. O que errar o caminho da doutrina, não querendo ouvir a palavra de Deos, serà contado no numero dos gigantes, aonde por gigantes se entendem os reprobos, & precitos: *Vir qui erraverit à via doctrinae, in caetu gigantium commorabitur.* Ha almas tão ditosas que já nella vida o Ceo as reconhece por suas: são estas as que de boa vontade ouvem a palavra divina, porque como gente naturalizada nessa gloria, alegrãose muito todas as vezes que lhe dão novas do Ceo, referidas nas palavras de Deos, & folgão de ouvir falar da terra, aonde já tem quinhão. Quem estas não ouve cō muito prazer, final dà de quão afastado anda do caminho do Ceo: *In caetu gigantium commorabitur.* Ouvia Faraõ a palavra divina por bocca de Moyses, & não obedecia a ella, porque tinha o coração muy alheyo de Deos, estava empedernido, & obstinado. Chamou Elias a Eliseu, & tocou-o cō a sua cappa, & trouxeo a poz si, porque o achou disposto para obedecer à palavra de Deos, figurada naquella milagrosa cappa, que com tocar a Eliseu teve virtude para o trazer a poz Elias, largando arado, & boes, porque tudo obedece sem tardança à palavra divina.

Prov. 21.

Exod. 7.

3. Reg.
19.

Consideração terceira.

Considerando Santo Augustinho em outro lugar aquellas palavras que o Salvador do mundo disse a Nathaniel, quando o vio debaixo de hũa figueira, diz assim: Se Deos não olhara para nós, como olhou para Nathanael, ou ficaríamos como arvores seccas, ou fomite em nós, se acharião folhas, & não fructo. Elle naquella arvore vio só folhas, porq̃ no genero humano (de q̃ aquella plâta era figura)

August.

- August.* achou só palavras sem obras: *Verba habebat, facta non habebat*; faltavão ao mundo obras, não lhe faltando palavras, que erão folhas. Mas nós tenhamos palavras, que digão cõ as obras, porque pouco aproveita falar, se não houver obras:
- August.* *Parum est verbis agere, & exemplis agendum est.* Nada monta appresentar palavras aonde as cousas se hão de tratar com obras, & exemplo. ¶ Considera o Profeta David, que os homens com suas boas acções pódem dar musica a Deos, & para que esta seja bem ordenada, quer elle que se lhe dê com duas cousas, que logo aponta: *Cum cantico, & cithara.* No cantico entende as palavras, na cithara as obras. E aquelle sabe dar musica a Deos, que o serve com palavras, & obras: *Cum cantico in verbo, cum cithara in opere.* Suave musica a que se dà a Deos com voz tão sonora, & instrumento tão agradavel, este de bem obrar, aquella de bem praticar, voz com que se pronuncia o bem, & cithara com que se exercita o mesmo bem. ¶ Dizia Diogenes aos que falavão da virtude, & não vivião conforme a ella, que erão semelhantes à cithara, que agradava com o som aos outros, não sentindo ella em si suavidade, pois não tinha orelhas para a ouvir. S. Paulo diz, que se eu falar todas as linguas dos homens, & dos Anjos, & não tiver caridade, ficarei sendo como hũa soalha, ou instrumento de metal, cujo som agrada aos outros, & a si aproveita nada: *Quàm multi sonant voce, & corde muti sunt*, diz Augustinho. Que muitos são os que são com a voz, falam, & praticão bem, sendo mudos no coração. E que muitos callão com a bocca, que com o effeito falam avisadamente com Deos, cujos ouvidos recebem muito bem a voz do coração do Justo: porque assim como os ouvidos do homem são para as palavras do homem, assi os ouvidos de Deos são para o coração do homem. Falalhe com o coração, que elle vos ouvirá. Muitos com as boccas fechadas são ouvidos de Deos, & muitos com gritarem muito não são ouvidos: com

os effeitos mais que com palavras devemos agradar, & dar
música a Deos: *Cum cantico in verbo, cū cithara in opere.*

Consideração quarta.

NAs palavras deve haver muita consideração, como
quer S. Gregorio, que as pronunciemos com quatro
circunstancias, advertindo o que dizemos, a quem o dize-
mos, quando o dizemo^s, & de que maneira o dizemos. A
esta ultima circunstancia pertence, que as palavras sejam
poucas, & bem ordenadas, & que nellas se evite toda a fo-
begidão, & impertinencia. O multiplicar de palavras (diz
Salamão) que he de nescios: *Stultus multiplicat verba;*
porque as pronuncia sem ordem, & sem consideração. Plu-
tarco diz que quizera que os homens deixassem superflui-
dade de palavras, & vão modo de dizer: *Copiam ipsam, ac
vanitatem dicendi prætereas velim.* Trattai de lhanesa, &
simples modo de propor as cousas, deixai ornato, & enfei-
tes de oração, & procurai o fructo della: não sejais como os
que andando pelos prados, só trattão de colher flores, que
cheirão, & agradão na apparencia. Imitai as abelhas, que
passando pelas rosas, & outras boninas, desprezando a to-
das, vão colher a amargosa flor do thymo, & della fazem
mel laboroso. S. Chrystomo diz que he vicioso o super-
fluo concerto de palavras, & curiosidade de oração? *Ver-
borum, & orationis superflua est curiositas.* Porém então
he esta curiosidade mais insofrivel, & digna de reprehensão,
quando muitos usão della para agradar no que dizem, sem
entender isso que dizem. Diz S. Gregorio que ha quatro
fortes de gente que prattica, & propõem as cousas. Huns q̄
sentindo bem o que dizem, ainda o pratticão melhor do q̄
o sentem: outros que sentindo as cousas, não as sabem de-
clarar como as sentem: outros, que sentindo as mal, peyor
as declarão: & outros, que as dizem, & pratticão excellen-

Gregor.

Eccl. 10.
Plutar.

Chryf.

Gregor.

temente sem as entender, nem alcançar. É desta ultima sorte de gente ha hoje muitos que andão no numero dos estimados do mundo, só pelo que representão como figuras de auto, sem terem louvor de letras que os adorne. Desta laya devião ser aquelles amigos de Job, que o molestavão com impertinencia de palavras, como elle se queixava, dizendo: *Nunquid finem habebunt verba ventosa?* Por ventura hão de ter fim palavras cheas de vento? De vento (diz

Iob 16.

Gregor.

S. Gregorio) que estão cheas as que mostrão vaidade, & mais trazem soberba, que proveito espiritual. Além disso muitas vezes dizem os homês boas cousas, mas porque não as dizem bem, ficão dizendo palavras de vento: & porque seus dittos sendo excellentes, são com tudo cheyos de vento, pela inchação, & vã gloria com que os dizem: *Sape*

Gregor.

mali verba bona dicunt, sed quia bene non dicunt, ventosa

August.

sa verba proferunt. E como diz Santo Augustinho, destes

se pôde dizer, que vendem palavras, nas quaes sómente se ha de amar a verdade, & não a vaidade com que se dizem. Quando estas são desta sorte, cahem no chão como folhas de arvore. As boas não podem cair, porque são verdadeiras, & proveitosas.

Consideração quinta.

DEve-se considerar, que pois comparamos o homem à arvore, as obras aos fruttos, & as palavras às folhas, por estas tambem he significada a fraqueza, & inconstancia do mesmo homem, porque assim como as folhas estão expostas a muitos contrastes do tempo, assim está o homem a muitas variedades da vida. Neste sentido dizia Job: *Contra folium, quod vento rapitur, ostendis potentiam tuam?* Como se dissera. He possível Senhor, que levantaiis tão grande pé de vento contra hũa folha de tão fraco espirito?

Iob 3.

Isai. 25.

Se vòs (como diz Isaias) fois fortaleza ao pobre, ancora na

tem-

tempestade: *Fortitudo pauperi, spes à turbine*, porque permittis que seja combatida hũa folha de tanta fraqueza, que quando vossa mão a não destrua, sua propria inconstância a leva à summa desconfiança?

Consideração sexta.

T Ambem pelas folhas das arvores querem muitos entender a escuridão de palavras com que alguns falam enigmaticamente, encobrendo seus conceitos de baixo de palavras escuras, como fazião os Profetas, & Sibillas. Porque assim como o fructo da arvore se esconde entre as folhas da mesma arvore, assim se encobre o sentido de algũa proposição entre palavras mysteriosas. Por onde diz Hesiquio, que quando os curiosos trabalhamos por entender algum passo difficultoso: *Folium literæ aperimus*, abrimos a folha da letra para que descubramos o fructo do mysterio escondido. Deste modo fica facil de entender aquillo que Eneas disse à Sibilla Cumea: *Folij tantùm ne carmina manda*. No que a advertia, que não trattasse de lhe encobrir sua resposta com palavras escuras, & escondidas a seu entendimento. Que lhe falasse por termos claros, & não por figuras, & metáforas difficultosas de entender: *Folij tantùm ne carmina manda*. ¶ De todos estes significados o que primeiro demos às folhas he mais conveniente, & aprovado dos Santos Doutores, & Padres antigos. E pois folhas significão palavras, ponhamos fim a ellas com o que diz Santo Augustinho: *Verba tua inveniantur in vita tua*. As vossas palavras achemse em vossa vida. Se louvais a virtude, sede virtuoso: se a castidade, guardai castidade: se dizeis bem do que he bem, obrai sempre bem, & fugi do mal: *Verba tua inveniantur in vita tua*.

Virgil.

Raizes.

Raizes.

Cuidados.

Consideração primeira.

- Gregor.* **P**Elas raizes quer S. Gregorio que se entendão cuidados, os quaes se escondem no intimo do coração, como raizes no centro da terra: *Quid radicum nomine,* (diz elle) *nisi latentes cogitationes accipimus, quæ in occulto prodeunt?* Que outra cousa devemos entender pelas raizes, senão cuidados occultos, que secretamente vão lavrando no mais escondido do coração? ¶ O mesmo diz em outro lugar, certificando que este he o sentido que as raizes tem na sagrada Escrittura: *In sacro eloquio radicis nomine occulta cogitatio designari solet.* E assim declarando aquellas palavras de Job: *Nec mittet in terra radicem,* diz que o peccador não lança raiz na terra, porque entendendo-se por esta terra a região do Ceo, aonde eternamente se vive, não lança o peccador nella raizes, porque não sabe plantar nella pensamentos de vida eterna, não sabe depositar no Ceo cuidados dignos de premio soberano. Pois arvore que não lança raiz nesta terra, entenda que ha de cair com qualquer pé de vento que lhe der. ¶ O mesmo Santo declarando aquelle passo de Isaias: *Mittet radicem deorsum, & faciet fructum sursum,* diz que aquelle lança raiz para baixo, & dà fructo superior, que interiormente tem bons pensamentos, & por obra executa o bem que cuidou.
- Iob 15.* ¶ E declarando aquellas palavras de Job: *Radix mea aperta est secus aquas,* diz que o cortar a raiz pela terra dentro até chegar à agoa, he dilatar-se o bom pensamento occultamente com o santo proposito que tem, até chegar a gozar dos arroyos da verdade, porque então chegamos a partici-
- par

par do favor, & graça do Espírito Santo, que com bons cuidados, & fantasmáticas considerações interiormente nos vamos chegando à fonte perennal de eterna vida, que he o mesmo Deos.

Consideração segunda.

A Os cuidados chama Santo Augustinho linguas do coração, porque dentro nelle se trattão muitas vezes cousas, cuja prattica só Deos entende, a quem se não encobrem pensamentos occultos. Por isso quando Christo falava com os Fariseos, costumava communmente não lhes responder ao que elles perguntavão, mas ao que cuidavão em seus corações, a isto respondia, & não a suas palavras exteriores. E algũas vezes os reprehendia do que claramente via que estavão imaginando dentro na alma: *Quid cogitatis in cordibus vestris?* E em muitos outros lugares dizem os Evangelistas que via Christo os pensamentos dos Judeos. E esta era a mayor molestia que elles tinhão, ver que os alcançava Christo em seus pensamentos, & que nada se escondia a seus olhos divinos, sendo assim que nem Anjos tem vista para descobrir hum pensamento escondido no coração. Mas Deos he hum açor de corações, & tem olhos mais que de lynce para ver as mais profundas entranhas das creaturas: por isto o chama a divina Escritura esquadrinhador de corações, porque não ha lugar occulto, aonde se esconda hum pensamento, que Deos não veja. E por isto disse Job, que os olhos do Senhor andão sobre os caminhos dos homens, elle considera seus passos, & não ha sombra aonde se lhe esconda o malfeitor. Mandava Deos na Ley velha que o Candelabro de sette luzes effivesse sempre ardendo em sua presença de dia, & de noite, em significação que na presença de Deos tudo he luz, & claro conhecimento. Assi disse Deos a Cain quando o vio com pensamentos de matar a seu irmão Abel, que se fizesse mal, & consentisse

August.

Luc. 24.

Matth. 23.

9. & 12.

Luc. 5.

& 6. & 9.

D. Th.

Ier. 17.

Iob 34.

Exod 21

Lev. 24.

Gen. 4.

no pensamento que andava traçando, logo elle veria seu peccado, como se o puzesse à porta da rua: *Statim in foribus peccatum tuum aderit.* Porque o mais secreto coração do homem para Deos he rua publica. Por isso a Alma Santa vendo quão presente estava Deos a todas suas obras, & pensamentos, dizia que a estava seu Esposo vendo por detrás da parede: *En ipse stat post parietem,* & assim não se atrevia a desmandar em nada, entendendo que tem Deos feito nos corações dos homens janelas, & portas occultas por onde de dentro está vendo quanto entra, & quanto sahe, & que nenhum pensamento por minimo que seja escapa a seus olhos. Razões erão estas para qualquer alma Chriftã se encher de hum santo temor, vendo que de continuo está Deos olhando suas obras, & seus pensamentos, para q̃ se não atreva a offendello, por mais que se encubra aos olhos do mundo, que he grande locura do homem, que só tem respeito ao mundo não saber suas culpas, & não teme offender os olhos de Deos. Isto he o que lamentava David,

Cant. 2.

quando dizia: *Tibi soli peccavi.* O que mais sinto Senhor he, que só contra vòs pequei, & só de vòs não fiz caso, nem vos tive respeito: tive-o a meus criados para me esconder delles, tive-o a Urias trabalhando por lhe encobrir meu peccado, tive-o a meu Reyno, receandome que soubesse delle, & assim acho por minha conta que só a vòs não respeitei, nem pequei: contra outros olhos, senão contra os vossos: pois a todos tive respeito, senão aos vossos: *Tibi soli peccavi.*

Ps. 50.

Consideração terceira.

Chryf.

OS cuidados tem azas velocissimas para voar aonde querem, como diz S. Chrystomo, por isso podemos ir com elles ao Ceo ligeiramente, sem haver quem nos impida tão difficultoso caminho; tão ligeiras azas deu o Senhor à alma, para da terra fazer voo ao Ceo: *Adeò leves*

ves cogitationum alas animæ dedit Deus. ¶ Da mesma maneira são cuidados olhos que vem, & penetrao tudo. Olhos corporaes muito vem, & alcançaõ, mas dando em corpo denso, & opaco, não passaõ avante com a vista. Porém os pensamentos são olhos, que por mais paredes, & muros que diante se lhes ponhaõ, por mais altas serras, & montes que se offereçaõ à vista, passaõ por tudo, & sem impedimẽto chegaõ aonde querem; fazem suas diligencias, & tornaõ com recado. ¶ Aos cuidados importunos chama S. Gregorio moscas do Egypto, & rãs que vozeão dentro na alma, & a inquietaõ muito. As moscas (diz elle) são importunas, & inquietas; & nellas que se póde entender, senaõ os molestos pensamentos da vida. Salamaõ diz: *Musca morientes perdunt suavitatem unguenti.* Moscas que morrem lançaõ a perder a suavidade do unguento, no que se dà a entender, que cuidados sobejos tiraõ a consolaçaõ, & suavidade do espirito, porque estas importunas moscas não deixaõ gozar da doçura celestial, que hũa alma pretende. Pois entaõ sente o Egypto esta praga de moscas, & estas rãs palmeiras, quando nosso coração he inquieto com a multidaõ de cuidados mundanos, de sorte que senaõ póde ver livre delles sem soccorro do Ceo. E quando Deos o quer dar, & entrar em nosso coração para lhe dar vida, & alento, lança primeiro delle toda a confusaõ que o molesta. Donde quando o Salvador do mundo entrou para resuscitar a filha do Principe, se diz que primeiro lançou fóra a muita gente que estava dentro em casa: *Et cum eiecta esset turba, intravit.* Entaõ diz S. Gregorio, se lança fóra a multidaõ de gente, para que a donzella se levante viva, quando do aposento de hũa alma se despede a multidaõ de pensamentos, & milagrosamente he resuscitada a que intrinsecamente estava morta: porque em quanto se diverte por innumeraveis cuidados do mundo, faz-se incapaz de receber a graça de eterna vida, & està como morta a Deos.

Gregor.

Eccl. 10.

Exod. 18.

Matt. 9.
Gregor.

Bernar.

Aos cuidados nocivos chama tambem S. Bernardo vi-
boras, a que mataõ seus filhos nas mesmas entranhas que os
gerãraõ: porque do proprio modo nos mataõ nossos pen-
samentos, creados em nossos corações, & delles sahem vi-
boras, & feras peçonhentas, que são peccados, & abomina-
ções, como por sua bocca disse nosso Redemptor, que do
coraçãõ sahiaõ perversos pensamentos, os homicidios, adul-
terios, blasfemias, furtos, & falsos testemunhos. Por isso o
Espirito Santo nos avisa, que com toda a cautela guarde-
mos nosso coraçãõ, porque delle procede a vida. E como
diz Santo Augustinho, aonde estaõ nossos cuidados, està a
nossa vida. ¶ O mesmo Santo que chama aos cuidados vi-
boras, lhes chama tambem escorpiões, cujas cabeças em ap-
parecendo deve cortar o manhoso Christãõ: *Cùm cito ap-
paruerit scorpis, contere caput ejus.* O vosso perverso pẽ-
samento, como o sentirdes em casa, levantaivos contra elle,
& cortailhe a cabeça, a qual entãõ se corta, quando se atalha
a culpa, & emenda o delicto no lugar aonde se commette.
Desto escorpiãõ pede o Sabio a Deos que o livre, & que o
naõ deixe nas mãos de seu pensamento, antes lhe açoute o
tal pensamento. Notavel modo de falar, pois pede que seu
pensamento seja açoutado com delicados açoutes feitos
das considerações dos castigos, & juizos de Deos. Estes são
os açoutes do pensamento que chegaõ ao vivo da alma, &
castigaõ o atrevimento do coraçãõ desordenado, dandolhe
tal golpe no peito, que o faz vivo sangue da alma, sem o
deixar vir a consentimento do mal. Este castigo he muy ne-
cessario a todos, mas poucos o sabem, porque açoutar o
corpo, & castigallo, muitos o sabem fazer, mas açoutar
hum pensamento, & saber guiar o golpe, que de frecha vã
dar nelle, & o destrua, & despedace sem ficar final delle,
isto poucos ha que o saibaõ fazer.

*Matth.**Prov. 4.**August.**Bernar.**Eccl. 23.*

Consideração quarta.

Cuidados da vida bem considerados são sonhos de quem está acordado. O que dorme, & sonha, imagina varias cousas, hora que peleja, hora que o mataõ, aqui compra, alli vende, já navega, & lhe parece que se vai ao fundo, já corre a cavallo, & vai para cair delle: taes diz S. Gregorio que são os cuidados dos homens, sonhos de gente acordada, que está imaginando como ha de valer, & agradar, como tomará vingança de quem o aggravou, & como enganará a quem o enganou: já se imagina Rey, já cuida que tem grandes riquezas: *Ipsi sibi somnia fingunt*: fingem sonhos que são proprios pensamentos: *Qui tot phantasmata cordi imprimi, quid aliud quam vigilans somnium videt*. Também os cuidados por parecer deste Santo se devem com razão chamar desertos, aonde se perdem muitos. Estes são (como Job diz) *Qui edificant sibi solitudines*: os que edificão para si desertos aonde entraõ, quando se dilataõ no campo de suas imaginações, & se perdem dentro em si, como em desertas montanhas. ¶ O mesmo Santo compara os cuidados aos cabellos da cabeça, que por mais que a tempos os cortem, & tosquiem, tornaõ de novo a crescer. Não ha versẽ ninguem livre de pensamentos, pois por mais que os corte, & lance de si, tornaõ a vir, & de continuo crescem huns a poz outros. Aos Levitas mandava Deos que não trouxessem cabelo algum nas cabeças: *Levitæ radant omnes pilos carnis*: porque como diz S. Gregorio, os que se querem dar ao serviço de Deos, devem apparecer diante delle limpos de todos os perversos pensamentos: *Quia is, qui in obsequium Dei assumitur, debet à cunctis carnis cogitationibus mundus apparere*. Esta limpeza de pensamentos pede Deos à alma Christã, porq̃ para suas obras serem limpas, são primeiro necessario pen-

Gregor.

Virg.

Gregor.

Iob 3.

Gregor.

Num. 8.

Gregor.

pen-

Isai. 1.

pensamentos limpos. Isaias diz. Lavai-vos, & sede limpos, & para isso tiray primeiro o mal de vossos pensamentos: como se differa. Se quereis alimpar vossas obras, alimpai primeiro vossos pensamentos; que para a agoa correr limpa, he necessario alimparse a fonte donde nasce. ¶ Estes

*Num. 8.
Hieron.*

eraõ os cabellos que Deos mandava cortar aos Levitas: estes os que S. Jeronymo aconselha a Eustoquio que naõ deixe crescer, porque naõ queria ver nelle cuidado algum do mundo, nem de vaidades da vida: *Nolo sinas cogitationem crescere.* Estes saõ os inimigos que em quanto saõ de pequena idade, & naõ tem forças, se haõ de matar: & bema-

Pf. 136.

venturado he aquelle que sabe dar com elles na pedra que he Christo: de modo que em apontando o perverso pensamento, se deve arrojar a Deos, para que elle veja que naõ saõ aquelles os hospedes que a alma quer em casa. Mas esta differença ha nisto, que ao inimigo por fraco que seja, naõ està sempre na nossa maõ tirarlhe a vida; porèm a estes contrarios pequenos, ou grandes que sejaõ, em nõs està extinguilos, & aquietar o campo de nosso espirito. Diz S. Bernardo a este proposito, que naõ està na maõ do piloto amãfar as ondas do mar quando està bravo, mas que na nossa està assocegar nosso coração, quando a tempestade de pensamentos for mais desfeita, lançando de nõs todo o vaõ desejo de cousas mundanas, porque os que nellas se occupaõ, saõ como aves carniceiras, que tendo azas para voar ao alto, de ordinario as vemos na terra comendo entre porcos, & outros animaes immundos.

*Bernar.**Consideração quinta.**August.*

A Cerca das raizes significarem cuidados, considera Santo Augustinho duas raizes plantadas por dous lavradores em diversos campos. Húa planta Christo nos corações dos bons, que saõ bons pensamentos, que nelles põem:

põem : outra planta o demonio nos corações perversos, que são perversos pensamentos com que os incita a maldades : quem estes tem, responde com os fruttos conforme a planta, & plantador : mas o que tem bons pensamentos, responde com boas obras, porque não pôde ser que as tenha malignas quem vive de santos pensamentos. ¶ O Divino Espofo diz nos Cantares, que lhe tomem as raposas pequenas, q̄ lhe destroem as vinhas : *Capite nobis vulpes parvulas, quæ demoliuntur vineas* : pelo que Origenes, & outros Padres entendem os perversos pensamentos, que destroem as almas, que são as vinhas do Senhor : & para que estas florecção, & respondão com bom fructo, quer Deos que haja summa vigilancia em se tomarem estas raposas, que tudo lanção a perder, perturbando os sentidos, & inquietando os corações. Pensamentos que não são de Deos, tomem se logo em nascendo às mãos, que estas são as raposas que de tres modos se pôdem tomar, ou prendendo as de sorte, q̄ não possaõ andar pelas vinhas, ou matando-as com fazer com ellas tiro à pedra que temos ditto, ou queimando-as junto às covas aonde habitão. Prendem se cuidados, quando com imperio da vontade se refrea nossa imaginação. Matãose quando combatidos delles recorremos à firme pedra que he Christo, cuidando em sua morte, & Payxão. E então se queimão estas raposas, quando aos perversos pensamentos se põem diante hũa fermosa meditação do fogo infernal. De qualquer destes modos haja resistir a todo genero de pensamentos, que não forem do Ceo. Ao Santo Varão Esdras admoestava hum Anjo que tirasse de si os molestos pensamentos que o cansavão : *Depone molestissima tibi cogitamenta*, como que em nossas mãos està muitas vezes deixar molestos pensamentos, pondo-os em Deos, aonde se acha verdadeiro descanso, & alimento, como David nos aconselha : *Iacta super Dominum curam tuam, & ipse te enutriet*, ponde vosso cuidado em Deos, & elle vos

Cant. 2.

Orig.

Gregor.

Niss.

Ambr.

Bernar.

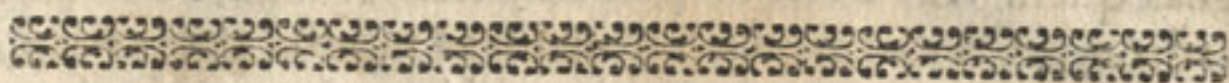
4 Esdr.

14.

Psal. 54.

August.

sustentará de forte, que nenhũa cousa vos falte, não vos faltando Deos: porque como diz Santo Augustinho, a alma que tem a Deos, que mais pretêde; se vòs baltais para Deos, baste Deos para vòs: *Anima cujus est Deus, quid amplius querit? si sufficis tu Deo, sufficiat tibi Deus.*



Raiz.

Segredo.

Consideração primeira.

Laert.

Aristot.

PElas raizes quiseraõ tambem os antigos fossiem significados os segredos: porque estes assim se escondem no coração, como as raizes na terra, & assim deve estar encuberta a raiz na terra, como o segredo no peito do homem: & assim se deve esconder o segredo aos homens, como as raizes aos que passaõ por cima dellas, que vendo a arvore, vem a raiz em que se sustenta. O segredo com tanta difficuldade se ha de descobrir, como com ella se arranca a raiz da terra, ainda que hoje se faz isto pelo contrario, pois não ha cousa mais facil, que descobrir segredos. E já o Filosofo Chilon perguntado que cousa mais difficultosa havia no mundo, respondeo: *Arcanum reticere.* Encobrir segredo, & não o communicar a outrem. Tão grande he a impaciencia de alguns, que por muito tempo não pôdem reter, sem que o digão a todos. Perguntado Aristoteles quem era tão senhor de si, que pudesse guardar segredo, respondeo: Que o podia guardar, o que na lingua soffresse hũa brasa de fogo: *Qui carbonem ignitum lingua retinere possit.* Bem se deixa logo ver quão perigoso he communicar o homem seu segredo a outrem: porque descobrindo-o a amigo, que não he verdadeiro, certo està o perigo de se manifestar depressa. E se o amigo então parece fiel, & verdadeiro, ainda algum

algum hora corre vosso segredo perigo na sua bocca : porque Seneca diz muito bem , que de tal modo tenhamos o amigo, & confiemos nossas cousas delle, como que ao diante pode ser inimigo nosso: *Amicum sic habeas, posse ut hunc fieri inimicum putes.* ¶ Quando nos Proverbios se diz: *Secretum extraneo ne reveles.* Não descubrais vosso segredo a homem estranho: quer dizer, que o não descubramos a pessoa de cuja fidelidade nos não consta por larga experiencia, como naquelle lugar declara a Glossa ordinaria, ou entende por estranho o homem inconsiderado q̄ em algũas occasiões manifesta em publico, o que em segredo lhe dissestes. ¶ Catão Senior dizia, que lhe pesava de tres cousas que algũas vezes tinha commettido, como era tẽpo q̄ gastara sem aproveitar nelle, ter andado por agoa, o q̄ pudera andar por terra, & ter descoberto segredo a molher, porq̄ rara he a que o sabe guardar. ¶ Metello Macedonio Capitão famoso, a ninguem queria comunicar sua determinação, & segredo de guerra, mas hum dia perguntado de hum amigo, que determinava fazer aquella tarde, respondeo q̄ queimaria seu proprio vestido, se imaginasse que era elle sabedor de seus pensamentos, quanto mais os homens: *Tunicam meam exurerem si eam consilium meum scire existimarem.* ¶ Quasi o mesmo succedeo a Tiberio Cesar, que sendo notado de não comunicar suas cousas aos amigos, respondeo: Que o coração do Principe, a ninguem se deve manifestar: & pelo menos, q̄ raro havia de ser o homem a quem elle se descobrisse: *Principis animum nemini, aut paucis cognitum esse oportet.* Mas assi como o Principe fica de bom partido, não descobrindo a alguẽ seu segredo, de mayor fica o seu amigo q̄ o não sabe. O Poeta Filipiades sendo muito estimado del-Rey Nyfimaco, era muitas vezes importunado delle, que lhe pedisse merces, ao q̄ o Poeta respondeo hũa vez, que lhe fizesse quantas merces quisesse, tirando descobri-lhe segredo seu: *Quodcumque voles*

Seneca.
Prov.

21.

Plutar.

Plinius.

Dion.

Brus.

Dij

fac

fac Rex, modò ne arcani quidpiam. Fazeime Rey quantas merces quizerdes, com tañto que me não descubrais segredo vosso, porque sei do perigo que minha vida corre, sendo sabedor delle. ¶ Entre os Lacedemonios houve muita pòtualidade em guardar segredo, & até nos convites era obrigação do convidado mais velho mostrar as portas aos mesmos que vinhão entrando, dizendo que nenhũa cousa que alli passasse, sahisse dellas para fóra: *Per has nullus egredietur sermo.* Costume que tinha manado de Lycurgo, como escreveo Plutarco. ¶ Hiero Filosofo dizia, que quem descobre segredo, faz mal a si, & a quem o houve: porque igualmente aborrecemos a quem o manifesta, como a quem o houve, sendo assim que o avisado, em advertindo que lhe descobrem segredo de outrem, deve afastarse de o não querer ouvir, & se o ouve, já mostra que procede mal. ¶ O segredo significavão tambem os antigos em hum monstro chamado Esfinge, que tinha rosto de molher, pés de leão, azas grandes nas costas, o qual se vio entrar na Cidade de Thebas a propor hum enigma escuro. E por isso os Egiptios nos seus Templos tinhão pintados Esfinges, dando a entender, que quanto a gente visse naquelles lugares, tinha segredo, que a poucos se descobria. Augusto Cesar não usava de outro sinete nas cartas, & provisões que assinava, senão da figura da Esfinge, dando a entender, que o bom governo do Principe depende do segredo que se ha de ter em executar mandados seus. ¶ Do que fica ditto àcerca das raizes se entenda, que ou por ellas se signifiquem cuidados, ou segredos, de hũa, & outra cousa são ellas accommodados geroglyficos, porque por semelhante modo se encobrem cuidados, & segredos no coração, que raizes na terra.

Balsamo.

Misericordia.

Consideração primeira.

SE o melhor lugar se deve ao mais excellente, de todas as plantas que o mundo tem, nenhũa o he mais que o Balsamo, & por isso se lhe deve primeiro lugar entre as plantas. He o Balsamo arvore que sómente se acha em hum valle de Judea, como diz Origenes, & Theofrasto: a mais generosa, & salutifera planta de quantas a terra tem para laude, & conservação do genero humano. E dos sinaes que Deos mostrou de especial amor para com o povo Judaico, foi este hum, de o fazer possuidor de hũa terra aonde tinhão a mais preciosa, & aromatica planta, que o rico Oriente tem. Esta he a que na sagrada Escrittura se chama: *Engaddi*; & Josefo historiador chama a região *Iericuntina*, por ficar junto à Cidade de Jericò, aonde ha tão frescas hortas, & jardins, que os chama Paraisos. Mas aquelle ingrato povo tão mal soube estimar este bem, como os mais que Deos lhe fiserá, em o trazer à terra de Promissão. Pelo que convertido o amor em odio, & as merces em vinganças, querendo Deos ultimamente castigar aquelle povo cõ aquella terrível, & lastimosa destruição, que padeceo por Tito, & Vespasiano, vendo os perversos Judeos seu ultimo fim, & então mais obstinados, & encruelicidos huns contra os outros, depois de os maridos matarem as mulheres, & as mãys comerem os filhos, arremetèrão com furia às innocentes arvores do Balsamo, cortando-as, & arrancando-as de sorte, que nem raiz dellas deixãrão, se os soldados Romanos não acodirão a defendellas com mão armada: não

Origen.
Theoph.

querendo esta mã gente, que ficassem tão boas plantas para remedio do mundo. Hũa destas arvores trouxe Vespasiano a Roma, & levou publicamente no dia de seu triunfo entre os ricos despojos que de Judea trazia, para que visse Roma a melhor planta que o mundo tinha, & dahi entendesse que boa terra era a da Palestina, que elle tinha fugeita ao Imperio Romano. Das poucas que em Judea ficaraõ, tiverão os Romanos cuidado de as multiplicar de sorte, que em pouco tempo houve abundancia dellas nas mesmas vinhas de Engaddi. Desta planta se tira o Balsamo, assim dos seus cachos, como de suas varas, & troncos, dandolhe alguns golpes, & feridas, não com ferro, mas com vidro, ou pedras agudas, o que não carece de mysterio: porque como o Balsamo he figura da misericordia, esta por ser compassiva, & piedosa, aborrece o ferro, que diz crueldade, & rigor. Chama-se pois esta planta Balsamo, & o seu licor Opobalsamo, o seu fructo Carpobalsamo, a sua madeira Xilobalsamo, que tambem he suavissima, como he o seu licor, & o seu fructo. O Opobalsamo he proveitosissimo para muitas enfermidades dos homens, & em especial para feridas, & chagas do corpo. Por elle querem os Doutores que se signifique a misericordia, a compayxão, & todas as virtudes que dizem piedade, & clemencia: porque como este licor procede do intimo de sua planta, assim diz S. Bernardo, que o Balsamo da compayxão procede das entranhas da caridade, & que o Medico espirital (como outro Samaritano do Evangelho) para curar feridas do proximo ha de ter Balsamo de brandura, & misericordia. E que quem entender de si que possui este rico Balsamo de misericordia, seguramente póde applicarse a curar feridas lastimosas daquelle pobre homem que cahio em mãos dos ladrões, imitando ao piedosissimo Samaritano, que o remediou. Origenes diz, que o Balsamo tem virtude para aquentar, & fomentar chagas, & para sarar feridas, & males do corpo, condição da

Bernar.

Luc. 10.

Origen.

da misericordia, que aqueenta, & agasalha a pobres, remedeia afflicto, consola a tristes, & une corações, & vontades diferentes.

Consideração segunda.

Como a misericordia de Deos seja ineffavel, & a que mais resplandece sobre todas suas obras, prezando-se este Senhor mais de misericordioso, que de outro algum attributo dos infinitos que tem, atreveo-se a Alma Santa nos Cantares a comparallo ao Balsamo, vendo que a mesma Sabedoria eterna a elle se comparou, dizendo: *Sicut Balsamum aromatizans odorem dedi.* Chama ella pois a seu Divino Esposo Balsamo, porque quanto nelle considera, são misericordias para com ella. Chama-lhe Balsamo, porque assim como o cacho deste se compõem de folhas, & grãos, sendo elle hum: assim em Christo sendo hũa só a Pessoa, ha duas naturezas unidas. E como duas folhas do Balsamo saindo de hum lugar, vem a fazer hum cacho, assim sendo duas as naturezas, Humana, & Divina, distinctas entre si, hum he Christo, Deos, & Homem, porque hum he o supposto, em o qual ambas aquellas naturezas juntamente estão unidas com união hypostatica. E como no cacho do Balsamo ha muitos grãos, que todos fazem hum cheiro suavissimo, assim em Christo ha todas as graças, & perfeições infinitas, que tem hum cheiro de Divindade, & fragancia de perfeitissimo Balsamo. He Christo Balsamo, porque he principio de toda a graça, porque assim como o Balsamo mana do cacho, ou da planta que o dà, assim o preciosissimo Balsamo da graça de Christo procede, nem tem outro principio, senão o mesmo Christo, como diz S. João: *Gratia, & veritas per Iesum Christum facta est.* É se o Padre he o que nos dà esta graça, dà-a pelos merecimentos de Christo, os quacs elle ab æterno vio, & por isso (como diz S. Paulo) nos pre-

Cant. 1.

Eccl. 24.

Ioan. 1.

Eph. 15.

destinou segundo o proposito de sua vontade, para louvor de gloria, & graça sua. E assim como das feridas desta planta sahe o unguento do Balsamo, assim de Christo ferido, & encravado na Cruz, de suas chagas, & feridas mana a graça que elle mereceo por dores, & angustias, para com ella nos salvar, como diz o mesmo Apostolo: *Cujus gratiã estis salvati*. Muito se presa este Senhor de misericordioso, & de hum certo modo parece que na misericordia põem sua perfeição: porque quando por S. Mattheus diz a seus Discipulos, que sejam perfeitos como seu Pay celestial he perfeito, declara S. Lucas, que perfeição seja a do Padre, dizendo: *Estote misericordes, sicut & Pater vester celestis misericors est*. Sede misericordiosos, como vosso Pay celestial he misericordioso. Como se dissera. Sabei que a perfeição de Deos he a sua misericordia. Pelo que se quereis ser perfeitos, sede misericordiosos, porque a misericordia he summa perfeição, assim em Deos, como nos homens. Tem mais a misericordia, que he gloria do mesmo Deos, pelo que diz S. Paulo; todos peccarão, & tem necessidade da gloria de Deos: pudera o Apostolo dizer, que todos tem necessidade da misericordia de Deos, porque peccadores hão mister misericordia, mas para com Deos o mesmo he ter necessidade de sua misericordia, que de sua gloria, porque a sua misericordia he a mesma gloria sua: donde diz Isaias: *Exaltabitur Deus parcens vobis*. Serà Deos exalçado, & glorioso perdoandovos a vòs, porque no seu perdoar està o seu engrandecimento, no seu compadecerse sua exaltação.

Consideração terceira.

DOus são os attributos com que mais frequentemente louvamos a Deos, sua misericordia, & sua justiça: *Pf. III. Miserator Dominus, & justus*. Estes dous attributos declara

clara a Pastora dos Ceos por figura, dizendo que seu Divino Esposo he candido, & rubicundo, significando na bran- Cant. 5.
 cura sua misericordia, & na vermelhidão sua justiça, porque
 a cor branca he sinal de misericordia, & a vermelha de justi-
 ça. É primeiro a Pastora lhe chama candido, que rubicun-
 do, porque mais se presa este Senhor de misericordioso, que
 de justiça, ou porque de tal modo he candido por mise-
 ricordia, que quando algũa vez ha de fazer justiça, se faz
 vermelho, como que se peja, & tem vergonha de a fazer,
 correndo-se disso, como de cousa alhea de sua condição,
 como diz Isaias falando com os peccadores. Vòs fazeis que
 Deos se agaste contra vòs: pois elle se agastará: *Irascetur* Isai. 28.
ut faciat opus suum, alienum, opus ejus. Elle se indignará
 contra vòs, ainda que em fazer isso faz hũa obra alhea de
 sua natureza, porque esta he perdoar, & não castigar. Assim
 o diz o mesmo Senhor por Ezequiel: *Nunquid voluntatis* Ezech.
meæ est mors impij, & non ut convertatur à vijs suis, & 10.
non vivat? Por ventura he de minha vontade a morte do
 peccador? Que outra cousa quero eu, senão que se conver-
 ta, & afaste de seus caminhos, para que viva, & se salve. As
 obras de misericordia em Deos são de sua bondade interna,
 & o dar vida he de sua vontade: *Vita in voluntate ejus,* Ps. 16.
 diz David. Para castigar ha mister muito, com pejo o faz,
 vemlhe a cor vermelha ao rosto, mas o dar vida sempre he
 de sua vontade, sempre està em seu querer. A vermelhidão
 do rosto nasce do sangue que a elle acode: peccados são si-
 gnificados no sangue, & assim a vermelhidão no rosto do
 Esposo nasce dos peccados dos homens. É não he impro-
 prio dizerse, que se corre Deos de fazer obras de justiça,
 como o que ha de castigar a outrem, que o faz com muito
 pejo seu, & fóra do que pede sua condição. Como diz Isaias,
 que este Senhor dà gemidos, & ays quando ha de fazer al-
 gum castigo, ainda que seja em inimigos seus: *Heu consô-* Isai. 1.
labor super hostibus meis, & vindicabo me de inimicis
meis.

meis. Ah, diz elle, que hey mister ser consolado em matéria de inimigos meus, porque quando por serem estes, he necessario tomar vingança delles, eu sou o que sinto isto mais que elles, necessario he que me consolem. He pois a misericordia natural em Deos, como a cor branca em o rosto, & a justiça com o accidental, qual a cor vermelha nelle. E isto ao nosso modo de falar, que de outro modo tão misericordioso he Deos, como justo, & tão justo como verdadeiro, sendo nelle todos os attributos infinitamente perfeitos, mas quando dizemos com David, que suas misericordias são sobre todas as suas obras, & que a sua misericordia se prefere à sua justiça: he modo de falar humano, porque em Deos não se dá mais, nem menos, nem se engrandece mais com hum attributo, que com outro; porque tudo o que nelle ha, he nelle simplicissimo, & perfeitissimo, tendo suas perfeições igual immensidade. E porque os Justos, & Santos contemplão mais em suas misericordias, que em outros attributos, donde procede que lembrados dellas o amão mais, o que não tem os peccadores, os quaes porq̃ se esquecem de suas misericordias, se afastão mais delle:

Pf. 144.

Pf. 105.

Pfal. 88.

Non fuerunt memores multitudinis misericordiae tuae, diz David: Não se lembrarão Senhor, da multidão de vossa misericordia, por isso se apartarão de vosso amor: Quem se lembra dellas, tem de que o louvar, & por isso dizia o mesmo Profeta Rey: Que eternamente cantaria as misericordias de Deos: *Misericordias Domini in aeternum cantabo.* Por todas estas razões he Deos comparado ao Balsamo de que trattamos, porque o titulo de que mais se honra, he de ser misericordioso, & com este, & outros semelhantes o abrandavão os Patriarcas, & Profetas Santos, chamandolhe misericordioso, compassivo, benigno, & piedoso, nomes de que muito se agrada.

Consideração quarta.

A Misericordia chama S. Chrystomo arte liberal, *Chryf.* que tem sua officina nos Ceos, & por Mestre a Deos, & não a homem algum. Arte he a misericordia mais excelente que todas as artes; porque as outras com a vida acabão, & cõ seus artifices enfermão, não são permanentes suas obras, aprendem-se de vagar, & com muito trabalho, mas esta permanece depois da morte, resplandece na outra vida, acompanha-vos nesta, & sempre com vosco se occupa, nunca vos deixa, nunca vos larga. Esta arte mais sabe fazer que calçado, & vestidos; pois sabe fazer edificios nos Ceos, sabe aparelhar moradas eternas. Esta faz que se não apaguem nossas alampadas, esta lava nossos vestidos, & os torna mais brancos que a neve para o dia do desposorio. Esta faz que não sejamos lançados aonde aquelle rico avarento he atormentado, mas vinhos guiando ao Seyo de Abrahão por caminho direito. As demais artes respeitão a hum só fim, a agricultura à sua lavoura, a pintura à sua imagem, o oleyro ao seu pucaro de barro; porém hũas artes tem necessidade de outras, pois o lavrador não pôde lavrar sem o ferro do arado que o ferreiro lhe ha de fazer, a enxada, a fouce, & o alveão, & assim as mais artes que se ajudão de outras: porém a arte da misericordia para se exercitar, só tem necessidade de nosso querer, & vontade, & se cuidais que para isso haveis mister muito cabedal, lembrevos a viuva do Evangelho, que com dous ceitis exercitou esta arte. *Luc. 21.* E se sois tão pobre, que nem isso tendes, dai a vontade, & desejo que tendes de dar esmola, & com isto satisfazeis *Marc.* muito. Se não podeis dar hum pão inteiro, dai hum pedaço, & chegareis ao cume desta arte. Della nos vem *12.* maiores bens, que Reynos, & Imperios; porque não sómente se avantaça às outras artes, porq̃ não tem necessidade dellas,

- dellas, mas porque ella só nos dá mayores riquezas nesta vida. & na outra. Quem mais se occupa nesta arte, mais se enriquece de bens celestiaes. A pessoa que dá, & distribue a
- Pf. 111.* pobres, como diz David: *Dispersit, dedit pauperibus*, a justiça que tem de galardão eterno, para sempre fica com elle: *Iustitia ejus manet in seculum*. Salamão diz que quem se compadece do pobre, dá dinheiro emprestado a
- Prov. 19.* Deos com ganho sabido: *Fæneratur Domino, qui miseretur pauperis*. Quem empresta dinheiro a fim de cambio, ou usura, sempre se lhe restitue a forte principal com augmento de cambio. Quem dá ao pobre, dá ao mesmo Deos, porque a elle se faz o que ao pobre se faz: elle toma à sua conta o galardão disso. Os pobres (diz Christo por S. Lucas) não tem com que vos pagar o bem que lhe fazeis:
- Luc. 14.* *Non habent retribuere tibi, retribuetur enim tibi in resurrectione mortuorum*. Não tem pobres com que vos dar o galardão, mas este só vos dará na outra vida: & vosso Pay celestial o dará, porque elle vê a esmola que fazeis às escondidas: *Pater tuus qui videt in abscondito, reddet tibi.*
- Matt. 8.*

Consideração quinta.

- P**orque a misericordia tem tão bom galardão, quer Deos que suas obras se fação com prazer, & alegria: *Non ex tristitia*, como diz S. Paulo: não com tristeza, ou por necessidade: *Hilarem enim datorem diligit Deus*. Ama Deos a quem dá com alegre rosto, que he o mesmo que tinha ditto o Espírito Santo no Ecclesiastico: *In omni dato hilarem fac vultum tuum*. Em tudo o que houverdes de dar mostrai risonho, & alegre rosto. E então parece que a obra de misericordia se faz alegremente, quando se faz com prestesa, de sorte, que em se vendo a necessidade, logo se acuda a ella. Mandava Deos na Ley velha, que entre os Judeos não houvesse pobres: *Omnino non erit indigens,*
- Deut. 15.*

gens, & mendicus inter vos. Olhai que não haja pobre, ou pedinte entre vós. Mas não quer isto dizer, que os lançassem de si; mas que em vendo ao pobre, lhe acodissem com tanta pressa, que não padecesse necessidades, em vendo as misérias, logo as remediassem, & assim não haveria entre elles pobres, & necessitados, porque logo erão soccorridos. Assim chama David bemaventurado ao que entende sobre o pobre, & necessitado: *Beatus qui intelligit super egenum, & pauperem.* E diz que he bemaventurado o que entende, porque aquelle que antes de ver com os olhos a necessidade, já com o entendimento a percebe de antes, & a soccorre, entendendo que a póde haver, com rafaõ já nesta vida se póde chamar bemaventurado. Os homens aonde ha necessidades, fazem que não as vem: & se as vem, dissimulão com ellas, & quando não podem dissimular, remedeão nas tão de vagar, & tão pesadamente, que perdem muito merecimento da obra que fazem. Muitas vezes lemos nos Evangelistas sagrados, que Christo nosso bem indo andando parava: *Stans autem Iesus.* E o seu parar sempre era para remediar misérias, porque como era official de misericordias, em vendo misérias parava para soccorrer com misericordias. Nos homens tudo são vagares, & dilações para fazerem algum bem: *Ne dicas amico tuo: Vade, & cras tibi dabo, cum statim possis dare,* diz Salamão nos Proverbios: Nunca digais ao vosso amigo: Ide, tornai à manhã, q̄ então vos darei o que pedis, dai logo a cousa que logo podeis dar: porque quem dilata a merce que se lhe pede, em algũa cousa repàra, & se repàra, logo afronta a quem dilata a merce: donde delicadamente disse Seneca, que merces vagarosas erão injurias muito apressadas: *Præcipites injurie beneficia lenta,* porque quem de vagar vos faz merce, depressa vos afronta: & quem faz a obra de misericordia com tibiesca, & tardança notavel, afronta ao mesmo Deos a quem a faz. Por isso lemos de Zaqueo, que quando houve de

Psal. 40.

Marc.

10.

Luc. 18.

Prov. 3.

Seneca.

Luc. 19.

de agasalhar a Christo em sua casa: *Festinus descendit in domum suam*: depressa, & a correr se foi a sua casa, para mostrar a vontade com que o recebia. A mesma diligencia mostrou quando disse, que logo queria dar a pobres a metade de sua fazenda: *Ecce dimidium bonorum meorum do pauperibus*. Não disse que daria ao diante, & que faria suas repartições, mas que logo dava, logo repartia, mostrando que já tinha tudo na mão para o dar: *Ecce*, eis aqui Senhor o que dou por amor de vós: não o dilato para à manhã, em vossa presença quero que seja: para que esta obra seja perfeita, & meritoria em tudo.

Consideração sexta.

Osea 6.

SÃO as obras de misericórdia tão aceitas a Deos, que mais as estima, que sacrificios, & holocaustos. Assim diz elle por Oseas: *Misericordiam volo, & non sacrificiū*.

Hebr. 3.

Quero misericórdia, & não sacrificio, porque a misericórdia he o verdadeiro sacrificio, que lhe agrada muito: pelo que diz o Apostolo S. Paulo, que nos não esqueçamos de fazer bem a outros, porq̃ com taes sacrificios se aplaca Deos de sorte, q̃ chama sacrificios às obras de misericórdia: *Talibus enim hostijs placatur Deus*. E assim os sacrificios q̃ Daniel aconselhava a el Rey Nabucodonosor q̃ fizesse por seus peccados, eraõ de esmolas, & obras santas de piedade: *Peccata tua elemosinis redime*, dizia elle, *& iniquitates tuas misericordijs pauperum: forsitan ignoscet delictis tuis*. O-

Dan. 4.

lhai Rey, q̃ setendes cõmettido muitos peccados, tendes remedio de perdaõ delles, este se vos depàra nas esmolas cõ q̃ podeis remir vossas culpas, & nas obras de misericórdia para cõ pobres com q̃ se apagaraõ vossas maldades: não vos acõselharei q̃ façais outros sacrificios, aonde tendes estes que saõ de tanto cheiro, & fragrancia ao mesmo Deos. Muito se satisfaz Deos destes sacrificios da misericórdia, grande cheiro,

cheiro, & suavidade tem diante delle, por isso a quem lhos offerece diz elle em figura do Esposo Divino: *Odor unguentorum tuorum super omnia aromata.* No q̄ vem a dizer, ainda q̄ todas as virtudes tenhaõ suave cheiro diante de mi, este que procede das obras de misericordia o tem suavissimo, porque saõ ellas unguentos de suavissima fragrancia, q̄ se avantajãõ aos mais suaves, & preciosos cheiros.

Cant. 4.

Consideração settima.

AS excellencias da misericordia até os Gentios as conheceraõ, & as apregoaraõ. Seneca disse, que a misericordia se sabe fortalecer de bons presidios, porque as boas obras que faz saõ torres, & castellos aonde se faz segura: *Bona comparat presidia misericordia.* Esta diz elle em outro lugar, aonde quer que mora, tem por vezinha a miseria, & de continuo vai estar em casa della, & com a miseria ser pobre, sempre a misericordia acha que trazer de sua casa, sempre tem que apanhar para se enriquecer: *Misericordia vicina est miseria, habet enim aliquid, trahitque ex illa.* Se a misericordia leva algũa cousa a casa da miseria, tãbem tras, nunca fica de perda. O homẽ q̄ se lembra do miseravel, de si se lembra, & para que sempre tenha lembrança de si, lèbre-se sempre dos pobres: *Qui in homine calamitoso est misericors, meminit sui,* diz elle em outro lugar. E aquelle que podendo soccorrer ao miseravel o naõ soccorre, tiralhe a vida, pois vendo o padecer o naõ quer ajudar: *Qui succurrere perituro potest, cum non succurrit, occidit.* Reprehenderãõ hũa vez Aristoteles certos amigos seus, porque fazia bem a hum homem perverso, & elle respondeo: *Non mores, sed hominem commiseratus sum.* Naõ me compadeço de sua maldade, mas de sua humanidade, naõ olho a seus costumes, mas vejo que he homem, & de o ser me compadeço, porque naõ he bem que morra de mera pobreza:

Laert.

Etiam

Etiam improbis in necessitate succurrit vir bonus. O bõ varão ainda aos perversos soccorre em suas necessidades, porque se deve esta obrigação à natureza, quando a merecimentos não for devida: quanto mais, que quem me diz, q̃ esse perverso se não tornará bom? Certamente que a boa obra que eu lhe faço, o póde tornar ao estado bom. Perguntarão a Demosthenes, que cousa fazia aos homens semelhantes a Deos, ao que elle respondeo: *Benignè facere.* O bem fazer, o bem obrar faz o homem semelhante a Deos. Veirão que mais podia dizer nesta materia hum Doutor sagrado. Conta Eneas Sylvio, que hum eminente varão que tinha sido Cancellario de tres Emperadores Cesares, costumava dizer, não desejar outra cousa, senão que os Reys antes de o serem fossem pobres, & necessitados, para depois se compadecerem delles; porque mal se póde compadecer bem delles quem nunca foi miseravel, quem não sentio apertos de fome, faltas de gente afflicta.

Max.

Palma.

Vittoria.

Consideração primeira.

Ambr.

Aul.

Gel.

Plutar.

Pausan.

Santo Ambrosio, Aulo Gelio, Plutarco, Pausanias, & muitos mais Autores dizem, que a Palma he arvore triumphal, dedicada antigamente ao Sol, significadora da vittoria, porque as suas folhas são iguaes em sua proporção, & iguaes devem ser os premios dos vencedores: & porque a materia da palmeira he incorruptivel, & porque sempre reverdece, & nunca perde as folhas, & porque os mesmos ramos imitam muito a circular figura do Sol. Mas a principal razão, de significar vittoria, he o não ser arvore opprimida com peso algum, que em cima lhe ponhão,

nhão, porque as outras com o peso se abatem, & dão de si, inclinando-se para a terra, & a palma com elle se levanta ao alto, mostrando que então vence quando cuidão que a abatem. Por esta ração dizia David, que o Justo florecerá *Psal. 91.* como a palma, porque tendo animo sofredor de trabalhos, ainda que seja opprimido com males, nunca com elles he abatido, porque nem trabalhos o vencem, nem males o cansão, nem oppressões o sopeão, a todas as molestias fica superior, como os Israelitas, que estando no Egypto em poder de Faraò, quanto mais erão opprimidos, tanto mais crescião, & se multiplicavão. *Exod. 1.*

Consideração segunda.

Santo Augustinho diz que a palma he symbolo da victoria, & que os ramos da palma com que os de Jerusaleem sahirão a receber o Senhor, significavão a vittoria, com a qual morrendo havia de vencer a morte, & triunfar do principe das trevas no alto da Cruz. O mesmo Santo diz, q os Bemaventurados estarão no Ceo diante do Throno de Deos coroados, & com palmas nas mãos, como se diz no Apocalypse: *Palmæ in manibus eorum*: porq pelas mãos se significão obras, & palmas nas mãos mostraõ premios nas obras, vencimento nas adversidades. ¶ S. Gregorio diz, q a palma crescendo sempre ao alto, reverdece, & dà fructo: & que na sua significação apregoa victoria: & donde a Esposa figura da Igreja diz, que os cabellos de seu Esposo saõ como os principaes ramos da palma: *Sicut elatæ palmarum*: porque os escolhidos sempre se levantão ao alto das virtudes, & pela constancia com que pelejão, & perseverança cõ que vão avante, chegão à victoria; & porque o mesmo Filho de Deos cabeça de todos os predestinados pelejou, & venceu, não com ferro, senão com o lenho da Cruz, como elle por S. João diz: *Confidite, ego vici mundum*. Tende confiança, porque eu venci o mundo. *Ioan. 16.*

Eucher.

Euquerio diz que a palma nisto se differença das outras arvores, porque estas por grossos que tenham os troncos, em saindo sobre a terra já os vão adelgaçando, & fazendo menos do que são junto às raizes: mas a palma apparecendo sobre a terra, vai dilatando, & engrossando mais o tronco. A exemplo que os mundanos, como as outras arvores, na terra tem os pensamentos, os appetites, & malignos desejos, nelles se dilatação, & fazem robustos nos vicios, & peccados, mas para as cousas do Ceo enfraquecem, & são diminutos. Sofrerão grandes trabalhos por pequenos bens da terra, & pelos grandes dos Ceos não querem tomar hũa minima molestia: canção por adquirir gloria do mundo, & nada fazem pela do Ceo. Porém os Justos são como a palma, que para as cousas de Deos tem sempre mais força, & mayor vontade, crescem nos bons propositos, & santos exercicios, não curam de bens terrenos, nem delles fazem fundamento, porque ao Ceo levantam os desejos, nas alturas moram, ali conversam, & tem seu assento, comprindo-se nelles aquillo de David: *Sicut adipe, & pinguedine repleatur anima mea.* Porque a alma do Justo sempre se enche, sempre se dilata, & engrossa na fartura, & abundancia do comer espiritual.

*Psal. 91.**Psal. 62.**Consideração terceira.**Cant. 7.**Cassiod.**Philo.**Apon.**Beda.**Cyprian.*

Aquellas palavras que o Esposo Divino diz nos Cantares: *Ascendam in palmam*, subirei à palmeira, quer Cassiodoro, Filo Carpathio, Aponio, Beda, & outros mais, que se attribuaõ a Christo nosso bem, que por eterno decreto determinou, & pelos Profetas notificou que havia de subir sobre a vencedora palma da Cruz, & abi havia de colher os fructos da mesma palma, pelos quaes ou entendia sua mesma gloria, ou a conversação do mundo, ou as virtudes, & obras santas dos seus Fieis, que tudo isto foram fructos da arvore da Cruz. Assim diz S. Cypriano, ou

ou aquelle cuja he hũa oração que anda entre as suas obras: *Ascendisti Domine ad palmam.* Subistes Senhor à palma, porque aquella soberana arvore da vossa Cruz significava o triunfo, que havieis de ter do demonio, & vittoria dos principes, & espiritos infernaes. E Hugo Victorino diz, q̃ a esta palma deve subir a alma santa com o pensamento, & coração; & se a subida parecer difficultosa, diminue-se o trabalho do que sobe com o suave cheiro do fructo que na arvore se sente; a doçura do gosto tira a difficultade da subida: *Palma est Christus fructus, ejus salus, spes salutis in ligno Crucis.* Esta palma he Christo, o seu fructo he salvação, a esperança da nossa està na arvore da Cruz: *Ascende igitur in palmam.* Sobì alma Christã a esta palmeira, convem saber, considerai a vittoria da Cruz, & pela escada dessa mesma Cruz ireis ao assento do vencedor. Tomai tambem vossa Cruz, & seguì a de Christo. Beda diz que subindo Christo à palma da Cruz, colheo o fructo de sua gloriosa Resurreição, & Ascensão aos Ceos, levando consigo as almas dos Santos Padres, que esperavaõ este dia de seu triunfo. Ruperto Abbade diz, que o dizer o Esposo, que subiria à palma, foi o mesmo que dizer, que seria exaltado sobre a victoriosa Cruz, & nella colheria fructos, que seriaõ a salvação de todos os crentes, & que a poz isso se apregoaria no mundo a doutrina Evangelica.

He opiniaõ de graves Autores, que hum dos quatro lenhos, de que constou a Cruz de Christo, foi a palma, o que redundava em grande louvor desta arvore, que não sómente foi figura da Cruz, mas na realidade principal parte da mesma Cruz. Foi o divino trofeo, que o Leão vécedor adornou de ricos, & preciosos despojos. Foi o soberano Estandarte q̃ os Apostolos arvoráraõ por todo o mundo, contra o qual não prevalecem as portas do inferno. Foi o Throno Real, aonde o Rey da Gloria dividio os despojos, Cadeira Magistral aonde o scientifico Mestre da vida està ensinando se-

Hugo.

Beda.

Rupert.

Cant. 7.

Ioan. 12.

Apoc. 5.

Isai. 53.

gredos celestiaes de vida eterna. A esta palma subio para fazer a presa, & trazer tudo a si.

Consideração quarta.

August.

Pier.

Val.

Hesiod.

Porpb.

August.

Ioan. 16.

Pier.

Val.

Pausan.

Considera Santo Augustinho no livro da Cidade de Deos o muito caso que os antigos fiserão da vittoria, pois pela terem sempre favoravel, a adoravão por deosa, & em Roma teve templo sumptuoso junto à praça principal; offereciãolhe sacrificios com esta differença, que pela vittoria alcãçada com sangue lhe sacrificavão hum boy, & pela que se alcançava com quietação, hũa ovelha. Mas os Lacedemonios pelo contrario, na vittoria pacifica offereciãohum touro, & na sanguinolenta hũ gallo, julgando q̄ mais excellente era a que se alcançava com socego, que com ferro, & sangue. Hesiodo diz que davão à vittoria tres irmãos, o zelo, esforço, & potencia, os quaes assistião de continuo diante de Jupiter, sem os quaes nem elle podia ter Imperio, nem os Principes do mundo dominio, porque impossivel he conservar-se Reyno, aonde faltão estes tres poderosos irmãos. Porfyrio diz que Jupiter se pintava com hum sceptro na mão esquerda, & na direita a vittoria, mostrando no sceptro que era Rey, & na vittoria que só elle era vencedor, & não podia ser vencido. Ao que Santo Augustinho diz, que se não entenda isto por Jupiter, falso deos da Gentilidade; mas daquelle verdadeiro Deos, a quem só convem o sceptro de Rey, que he de todos os Reys, em cuja mão está sempre a vittoria para vencer, como elle diz, que já venceo, & sempre ha de ser vencedor.

Pintava-se a vittoria com azas, porque levantando-se da terra, voa ligeiramente por todo o mundo, & sua fama se espalha por diversas partes. Mas os Athenienses não a querião com azas, como refere Pausanias, porq̄ a querião ter sempre immovel comsigo, & não de modo q̄ voando lhe fugisse,

&

& os deixasse : porque azas significão inconstancia , pela ligeireza com que se movem, & por isso o amor se pinta com ellas, porque he mudavel, & inconstante. Antes querião que a vittoria tivesse nas mãos romãs fermosas , que são figura do amor, porque com amor querião elles que a vittoria se conservasse entre elles. Mas acerca de se attribuir azas à vittoria, notavel foi o sonho que teve Cyro , aonde lhe parecia que via a seu contrario Dario com duas azas nos hombros, com que fazia sombra à Asia, & Europa, o que foi prognostico de duas grandes vittorias , que fiserão senhor a Dario das duas principaes partes da terra. O mesmo Dario trazia na sua opa real tres açores recamados de ouro , & perolas, em final de tres vittorias, que no mundo o fiserão famoso. E o açor he geroglyfico da vittoria, como diz Pierio , pelo modo com que peleja, & artificio com que vence a todas as aves: donde veyo que Antioco pelas muitas vittorias que alcançou, se chamou *Accipiter*, que quer dizer Açor ave de rapina.

Pier.

Val.

Pier.

Val.

Consideração quinta.

D Iz S. Gregorio , que muitas vezes nasce a vittoria da desesperação, porque o vencido com desesperação da vida toma forças, & brio para fazer por ella todo o possível : donde disse o Poeta Latino :

Gregor.

Una salus victis nullam sperare salutem.

Virgil.

O vencido hum só remedio tem, & este he imaginar que totalmente não tem remedio. Este pensamento de desesperação o faz forte para esperar vencimento, aonde já o não tinha. Etentão he esta vittoria mais excellente, que outra qualquer que se alcança por seu commum estylo de guerra:

Gregor.

Excellentior nascitur ex desperatione victoria, diz S. Gregorio. A mais excellente vittoria nasce da mayor desesperação. S. Augustinho diz que as vittorias muitas vezes são

August.

1. Cor.
15.

Chryf.

castigos dos vencidos por seus peccados, & não por merecimentos dos vencedores, nem por justiça que de sua parte haja. E por divino juizo servem as vittorias de humilhar aos vencidos, para que tenham emenda de vida. A nossa vittoria seja dada por Deos, como diz S. Paulo, elle he o que nos dà vittoria. Mas esta não se alcança senão soffrendo, & padecendo-se muito por seu amor: porque como diz S. Chrysofotomo: *Victoria ferendo paratur, & sine victoria nullus miles coronatur.* Com soffrimento se alcança a vittoria, & sem vittoria não chega a ser coroado o que peleja.

Frutto da Palma.

Doutrina.

Consideração primeira.

Cant. 7.

DOs fruttos que a palma dà, fala a divina Escrittura, quando nos Cantares diz o soberano Esposo: *Ascendam ad palmam, & apprehendam fructus ejus.* Subirei à palmeira, & colherei os fruttos della. Aonde a commua opinião dos Doutores sagrados he, que pelos fruttos desta arvore se entenda a doutrina que hũa alma colhe, chegando-se a Christo, ou ao conhecimento da verdade, a qual doutrina por trabalhos, & tribulações nos faz entrar no Reyno dos Ceos. E tambem querem que pela palmeira se entenda a santa Sé Apostolica, que aos olhos de todos he a mais alta dignidade do mundo, da qual procede toda a boa doutrina, decretos santos, & reformação de vida inculpavel. Os fruttos desta arvore colhem os Fieis de continuo, que leguem tudo o que ella diz, & estão pelo que ella ordena, participando de seus suffragios, & thesouros celestiaes, que a Igreja tem cuidado repartir com os seus filhos. Estes fruttos havemos de receber: *Apprehendam fructus, ejus*

ejus, porque nelles està toda a doçura, & suavidade, estes são os que nos sustentão; estes os que nos dão vida. Fóra daqui todos os mais fruttos que se possaõ colher de cutras arvores, que não sejam palmas da Igreja Catholica, são fruttos de morte, cheyos de enganos, & falsidades. He doce esta doutrina como o frutto da palma, porque como diz Theodoretto: *Doctrina quæ ex ore Dei fluit, quacumque suavitare jucundior est.* A doutrina que procede da bocca de Deos, he mais deleitosa, & agradavel, q̃ toda a suavidade da vida, porque toda està cheia de amor, fundada em virtudes, rica de graças, com a qual não sómente instrue o entendimento, mas tambem move o affecto. S. Gregorio diz que se ha de preferir a doutrina ao alimento corporal, porque mais importa dar refeição à alma, que ha de viver para sempre, com o pasto da palavra divina, que sustentar o corpo q̃ ha de perecer, com manjar terreno. E assim como o manjar da doutrina he tão proveitoso, são aquelles que a dão aos outros, tão louvados, que não se comparão a menos que às Estrellas: *Qui erudiunt multos, quasi stelle in perpetuas eternitates.* Os que ensinão, & doutrinão a muitos, são como Estrellas para perpetuas eternidades, são Estrellas que resplandecem em lugar mais alto, ficando eminentes, & superiores a todos. Assim como o homem aonde quer que està se avantajã a todos os animaes pela rafaõ, & entendimento que tem; assim o Sabio, o Mestre, o Prégador, & o pay de familias se ha de avantajã aos inferiores, ou seja falando, ou callando, ou comendo, ou deixando de comer, em qualquer obra, & occasião procure dar doutrina, seja Estrella, que de continuo resplandeça. Por isso David dizia, q̃ ensinaria os caminhos de Deos aos perdidos: *Docebo iniquos vias tuas*, não porque houvesse de subir ao pulpito para os ensinar, porque não era isso da Magestade Real, senão porque com seu exemplo, & procedimento de vida inculpavel edificaria a todos, & seu trato, & conversação

Theod.

Gregor.

Dan. 12.

ferviria a muitos de sermões altísimos, com que se emendarão, & seguirão os caminhos de Deos.

Consideração segunda.

Seneca.

A Doutrina por ser de tanto proveito, ha-se de aprender, para depois de aprendida se dar aos outros: *In hoc gaudeo aliquid doceri, ut doceam*, dizia Seneca. Por isso folgo de aprender algũa cousa, para que depois a ensine; nem haverà algũa por grande que seja, que só para mim queira saber. E se me dessem saber (eu mais que todos) com condição, que não havia de comunicar aos outros o que

Seneca.

soubesse, não o aceitaria: porque *Nullius boni sine socio jucunda possessio est*, nenhum bem se póde possuir com alegria, não havendo companhia na possessão d'elle. Se me recolhi muito tempo, (diz elle em outro lugar) se não sahia fóra de casa, & nella me escondia, era porque pudeffe aproveitar a muitos. Nenhum dia deixei passar ociosamente, a mayor parte da noite estudava, sobre os livros adormecia, & tornava logo a despertar sobre elles. Descuideime de todas as cousas, & principalmente das minhas, porque trato de aproveitar aos vindouros, para elles escrevo cousas que aprendão, conselhos porque se governem, & admoestações que tenham diante dos olhos, & nisto não faço tão pouco, pois mostro a outros o caminho, que tarde, & com trabalho conheci. Em outro lugar diz, que não sómente aproveitaõ à Republica os que tem nella officios publicos, do bom governo, & administração della, mas os que ensinaõ

Seneca.

bons costumes aos mancebos, & lhes daõ bons preceitos: os que declaraõ que cousa seja justiça, piedade, sabedoria, fortaleza, desprezo das cousas, & sobre tudo: *Quàm gratuitum bonum sit bona conscientia*, que bem tão engraçado seja a boa consciencia. Não vence soldo na milicia o que só peleja no arrayal, mas também o que no muro vigia, ou
fica

fica guardando as portas da Cidade; huns, & outros merecem igual premio. Não a proveita só ao bem commum o q̄ manda, & governa com justiça, & armas, mas tambem os que daõ boa doutrina, & conselhos a outros, porque nisto fazem negocio publico.

Consideração terceira.

A Doutrina não se ha de deixar de dar por sentimento que haja de parte de quem a recebe, porque ensinar, & reprehender muitas vezes he com dor alheya; mas o pay para emendar não espera com prazer ao filho, nem o Cirurgião ao doente, a quem ha de dar o cauterio, nem o Medico ao febricitante, a quem receita a purga amargosa. Diz S. Chrysoftomo, que ha tres fermosissimas matronas, de que nascem filhos feyos. São estas, a conversação da terra, a esperança do mundo, a verdade. Na vida não ha cousa mais agradavel, que a boa conversação, nem tempo melhor gastado, que o que se gasta conversando, pois vede o que dahi se gera, Despreso. Que cousa mais fermosa que a esperança, que tem em pé a paciencia, & sofrimento, pois della nasce a desesperação, que quem espera, desespera. Fermosa he a verdade, muito namora, muito agrada a todos, sendo todos os que desejaõ que lhes falem verdade. Pois da verdade nasce o aborrecimento: *Veritas odium parit.* A verdade tem hum filho que pario, & este he o odio. Porém ninguem a deixe por elle, nem se deixe a boa obra pela contradicção que tem, nem a doutrina santa, porque se recebe mal, que só malignos a pódem receber mal: *Doctrina justitiae displicet peccantibus*, diz S. Chrysoftomo, a doutrina da justiça descontenta aos que peccaõ, sabe-lhe mal, sendo ella taõ necessaria a todos, como o paõ que comemos; & he assim, que famintos nos houveramos de chegar sempre à sagrada doutrina, advertindo que

Chrysf.

Terent.

Chrysf.

que a que hoje se nos prega, & ensina, he chea de tanta doçura, & suavidade, quanto a da Ley velha era pesada, & rigorosa: & se tinha algum alivio, era em figura do que havia de ser, que no demais era doutrina de temor, mas a nossa he de amor. He doutrina que se dà a filhos, & não a servos; dà-a hum Pay benigno, & não hum Senhor terrível. Aquella quando se deu: *Cœperunt audiri tonitrua, micare fulgura*, começaram-se a ouvir trovões, ver-se relâpagos, cair raios, & coriscos, espessas nuvens, que cobrião o monte, & o fazião medonho, não he assim na Ley da Graça, que quando se ha de dar, tudo são finaes de amor, & chammas do Espirito Santo: *Factus est repente de Cælo sonus*. Foi feito do Ceo hum sonido como de vehemente espirito, que encheo toda a casa, com este apparecêrão hũas linguas de fogo, repartidas sobre as cabeças dos que alli estavão: *Et repleti sunt omnes Spiritu Sancto*. Todos ficarão cheyos do Espirito Santo, que não he outra cousa senão amor, & do amor não ha mais efficaz final, que o fogo; & quando esta doutrina do Ceo se houvesse de escrever com letras de amor, com que melhor final se podia significar, que com linguas de fogo. Era doutrina de amor, tudo nella são finaes de amor, & não de temor: não ha aqui trovões, raios, nem coriscos, nem nuvens medonhas: antes a doutrina de Christo tirou do mundo tres males que nelle havia, como eraõ trevas muy densas na noite do peccado; bestas feras, que erão os demonios apoderados delle; & o silencio que nelle havia de se dar gloria, & louvor a Deos. Mas já hoje por meyo della, desfeitas as trevas de nossas ignorancias, & afugentadas as serpentes que despedaçavão, & tragavaõ as almas: *In Templo ejus omnes dicent gloriam*. Todos no Templo do Senhor cantaraõ sua gloria, que elle a todos nos conceda.

Exod.
19.

Act.

Psal. 28.

Cinnamomo.

Zelo.

Consideração primeira.

O Cinnamomo he arvore de muita excellencia, composta de subtilissimas qualidades, o seu cheiro suavissimo, o seu sabor agudo, & aromatico, não dissemelhante ao da canella, mas de muito mayor fragancia, as suas virtudes muitas, & todas admiraveis: o verdadeiro poucos o temos visto. Os Principes que antiguamente podião alcançar parte de sua madeira, a estimavão tanto, q̃a mandavão guardar em seus thesouros. E prova disto he, q̃abrindo-se em nossos tempos em Roma a sepultura de hũa insigne matrona chamada Maria, irmã dos Emperadores Arcadio, & Honorio, mulher de Esthilicon, que havia mais de mil & quatrocentos annos q̃ estava enterrada no Vaticano, entre outras cousas muito ricas que estavão dentro depositadas, se achou hum pedaço de Cinnamomo tão incorrupto, & inteiro, & com tanta suavidade de seu cheiro, & agudeza de sabor, como se então o tirarão da arvore. Pelo que não sem fundamento disse Aponio Padre antigo, que o Cinnamomo conserva sua viveza por muito tempo. E não sem mysterio he esta hũa das plantas que se achão no jardim do Esposo Divino: *Nardus, & crocus, fistula, & Cinnamomum.* Os Doutores sagrados considerando a agudeza do sabor do Cinnamomo, q̃ queima, & inflamma cõ suavidade de cheiro, querem q̃ por elle se entenda o zelo santo, & tudo aquillo q̃ diz hũa viveza, & fervor de espirito, acompanhando de invencivel, & celestial fortaleza, para acodir pela honra de Deos, & de sua Igreja. Assim vemos que o bom zelo he fervor de espirito, ou como propriamete se diffine,

he

*Aponius**Cant. 4.*